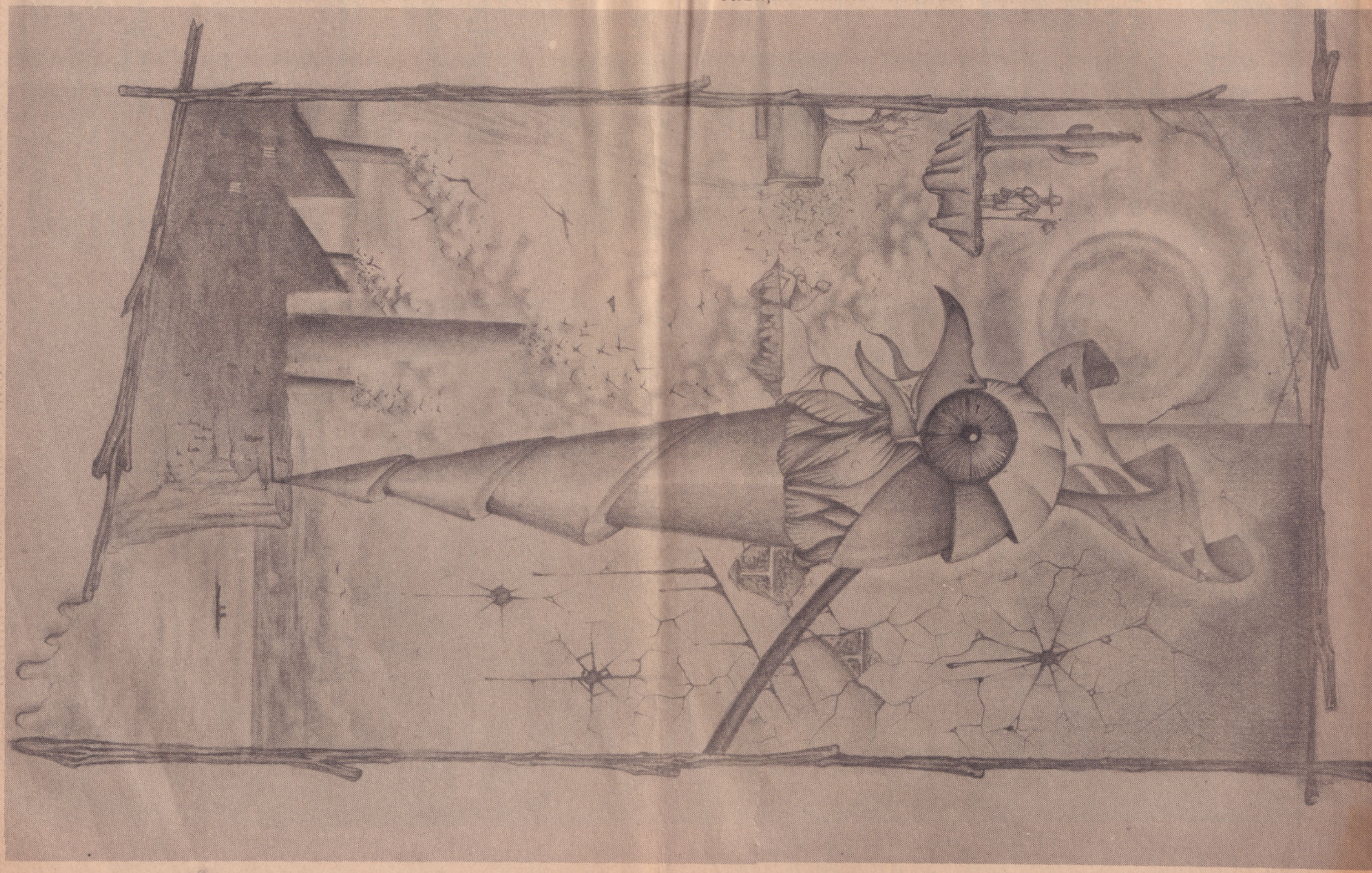
O GALO

JORNAL CULTURAL - ANO IX - Nº 09 - NATAL/SET/97

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO/ DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA DO RN



Vanguarda & tradição

A eterna voz das vanguardas artístico-culturais nordestinas volta a se elevar sobre o silêncio da tradição. Jomard Muniz de Britto explora as possibilidades da poesia, da música, da declamação, bota tudo junto num engenhoso melting-pot e lança uma nova proposta de arte: o projeto 'Pop Filosofia', como que reiterando a onipresente atualidade de suas propostas para uma idéia de vanguarda permanente. Em entrevista exclusiva a O GALO, o artista pernambucano fala dos seus inícios, aquele imutável in illo tempore que os romanos emprestaram incondicionalmente aos epígonos, nós. Jomard comenta suas relações com Natal, lembra os tempos das lides político-pedagógicas ao lado do iluminado Paulo Freire, e diz por que o título de Cidadão Natalense lhe foi tão caro. Coincidentemente, outorgado menos de um mês depois do poeta e publicitário Nei Leandro tê-lo recebido... Mas esta edição de O GALO tem outros destaques não menos merecedores de especial registro. Por exemplo, o resgate do nome do poeta e homem de letras Henrique Castriciano, justamente lembrado pelo escritor Tarcísio Gurgel, que vem se revelando um incansável e meticuloso pesquisador da nossa história cultural. (Veja-se, por exemplo, sua pesquisa sobre a passagem de Mário de Andrade em Natal, publicada em números anteriores deste cultural). Tarcísio não se limita a nos devolver um Castriciano por inteiro; recompõe momentos decisivos de sua trajetória intelectual, a recepção de sua obra poética junto a seus contemporâneos, e ainda brinda os leitores com uma breve mas representativa colheita poética do irmão da poetisa do "Horto". Destacamos ainda o estudo ligeiro que a poetisa Diva Cunha faz sobre o "Canto de Muro", de Câmara Cascudo, partindo, criativamente, da comparação a que o submete com um filme francês contemporâneo, realizado por um casal de biólogos. Resulta daí que o "romance de costumes" cascudiano cresce em atualidade e originalidade, como quer Diva. Enfim, uma ficção no estilo fantástico. É o conto "A Evidência no Espelho", título à altura de um Hoffman, de um Maupassant ou de um Machado. Seu autor é o escritor Nilson Patriota, que já está com um volume de contos no gênero fantástico totalmente concluído e para ser lançado em breve. Esta edição reserva uma surpresa a seus leitores: um conto inédito de Renard Perez, escritor norte-rio-grandense que dispensa apresentação. Enfim, poesia e mais alguma prosa se somam a mais este GALO.

Atenciosamente,

O Editor

Índice

Pop, filósofo e natalense..... 03
Pop filosofia: Jomard em seu habitat..... 06
Henrique poeta das ruínas e das vibrações..... 08
Amostra da produção castriciana..... 12
Lua..... 14
Um clássico potiguar..... 15
A evidência no espelho..... 16
Do Canto de Muro de Cascudo ao Povo da Terra Francesa..... 18
Alpendre de rua..... 20
Antero..... 21
Correio do Galo..... 23

Capa: **Emerson Costa**

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador
WODEN MADRUGA
Presidente da Fundação José Augusto

NELSON PATRIOTA
Editor
TÁCITO COSTA
Redator

AUCIDES SALES
Ilustrador e Tráfego
BRÍGIDA MAFRA E SOCORRO SOARES
Editoração Eletrônica

Departamento Estadual de Imprensa
ARLINDO DE MELO FREIRE
Diretor-Geral
JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Redação: Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938/2212939. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

Pop, filósofo e natalense

Jomard Muniz de Brito

Militante de todas as vanguardas praticadas por sua geração, o pernambucano **Jomard Muniz de Britto** é um artista que arrebata os interlocutores, seja em grandes eventos, seja en petit comité. Autor de uma obra complexa, que não respeita fronteiras formais ou teóricas, Jomard já peregrinou pelas veredas da imagem em movimento, pelas oficinas de leituras, por projetos intermídia, e, em tempos pretéritos, integrou a equipe do educador Paulo Freire, que lhe abriu o caminho ilimitado da arte-vida severina. É a mais nova aquisição da cidadania natalense, graças à iniciativa dos vereadores Franklin Capistrano e Fernando Mineiro, com o aval da opinião pública dos artistas natalenses, Marize Castro, Leide Câmara e J. Medeiros à frente. Cerca de um mês depois da mesma titulação haver sido conferida ao poeta e publicitário Nei Leandro de Castro. Com suas antenas multimídias, Jomard pode ter visto nessa coincidência configurações planetárias e augúrios alvissareiros. O que apenas reitera seu otimismo panglossiano. E quem ousaria contestá-lo? Um dia depois de receber o título de Cidadão Natalense na Câmara de Vereadores, (11/09), Jomard lançou em Natal seu novo trabalho - o CD Pop Filosofia, no Solar BelaVista, numa noite performática em que reeditou o brilho dos seus recitais poéticos. É sobre este e outros assuntos que o poeta-filósofo fala a O GALO.

ENTREVISTA

O GALO - o que representa ser cidadão natalense de fato, para você?
Jomard Muniz de Britto - O título é um gesto de reconhecimento. Os sociólogos falam muito em legitimação. Para mim, o título é a legitimação de um trabalho que a gente vem desenvolvendo desde a década de 60, com algumas interrupções. E teve, para mim, uma coincidência fantástica: o presidente da Câmara se chama Paulo Freire, e foi através do outro Paulo Freire, o educador pernambucano, que eu comecei minha atividade docente na UFPE, e que depois me trouxe até Natal.
O GALO - Quando começaram esses contatos?
JMB - Quando veio o movimento do tropicalismo, em 68, a gente começou a fazer um intercâmbio entre Recife, Olinda, João Pessoa, Campina Grande e Natal. Inicialmente a gente chamava isso de triângulo amoroso, que era Recife, João Pessoa E Natal. Mas eu dizia: olha, isso não é só um triângulo, é um poliedro, porque não podemos esquecer Olinda e Campina Grande. o movimento foi simultâneo com o poema processo. gosto muito de lembrar uma faceta jornalística minha. Nessa época, eu tinha um amigo chamado Marconi Gadelha, do Jornal do Commercio de Recifre, era editor de cultura. Eu colaborava com ele no JC e a partir daí houve um intercâmbio efetivo com pessoas de Natal. Publicamos no JC artigos de Moacy Cirne, de Dailor Varela, Anchieta Fernandes, trabalhos visuais de Falves Silva, bem como

trabalhos que o Álvaro de Sá mandava lá do Rio, iniciando, assim, a primeira fase do poema processo. Esse suplemento cultural do JC deu uma contribuição decisiva para o poema processo.

O GALO - Você acredita que a imprensa pode voltar a desempenhar esse papel de articulação cultural?

JMB - Sem dúvida! O GALO mesmo pode fazer isso e já está fazendo, aliás. O Hildeberto (Barbosa Filho) me falou que tinha sido entrevistado por Nelson Patriota. Eu disse: fale com ele que eu também quer ser entrevistado (risos).

"Nunca perdi o contato com o pessoal daqui, com o pessoal que J. Medeiros chama no seu último livro de geração alternativa"

O GALO - O poema processo está fazendo 30 anos. Há muito o que comemorar?

JMB - Eu estou comemorando este ano 30 anos do poema processo, do filme Terra em Transe, de Glauber Rocha, e 30 anos do tropicalismo. A UnB junto com a Universidade Católica de Brasília, vão fazer em outubro os 30 anos do tropicalismo e me convidou através de um amigo meu, que atualmente é professor da UnB. O legado que ficou do poema processo foi uma atmosfera sócio-cultural. A cultura que antes era muito estratificada - cultura erudita uma coisa, cultura popular, era outra - com esses movimentos que a gente acaba de citar, como tropicalismo e poema processo, existe como que uma quebra dessas hierarquias e começaram as coisas a se misturar, gerando uma fusão de culturas.

O GALO - Isso se mantém até hoje?

JMB - Eu não tenho dúvida que sim.

O GALO - Em termos poéticos, qual o legado do poema processo?

JMB - Exatamente essa abertura para as visualidades. Inicialmente, as pessoas só associavam poesia com a forma verbal, oral ou escrita. A poesia era assim uma coisa do livro, da palavra. Com o poema processo há essa abertura - antes os concretos já haviam colocado isso - para o o leitor, o espectador, de ser co-autor da obra.

O GALO - Como você ingressou no poema processo?

JMB - em 73, com o projeto Escrevivendo. Trata-se de um livro em forma de envelope, com folhas soltas. Eu usava o raciocínio que eram páginas numeradas de poemas que continuavam. Ensaio processo, como eu chamo, que é um dos meus débitos com o poema processo.

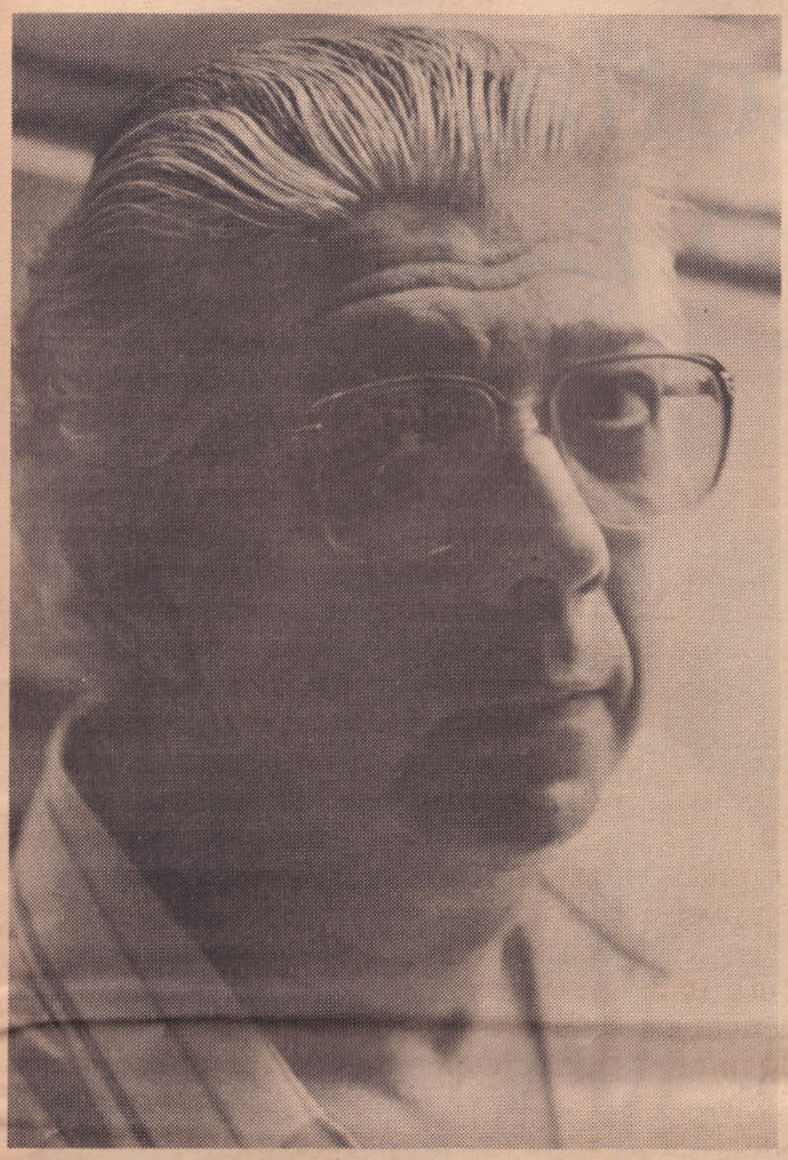
O GALO - Você está chegando à fase da oralidade através do trabalho "Pop filosofia". O que representa a oralidade na poesia de hoje?

JMB - A oralidade é importante, mas prefiro vê-la como uma tendência da arte contemporânea, fazendo uma fusão de linguagem, a criação intersemiótica, onde a oralidade entra como um componente. Antes desse trabalho, usei a oralidade em super 8, e depois em vídeo, em Recife. Na década de 70, meus super 8 eram performances a partir de textos meus. Eu tenho um manifesto "Inventário do Feudalismo Cultural", assinado por pessoas do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Rio e Bahia - Caetano e Gil assinaram esse manifesto. Depois, fiz um super 8 com esse título, "Inventário de um Feudalismo Cultural". Agora, estou publicando um livro ilustrado pelo artista plástico pernambucano Sérgio Lemos, que vai se chamar "Inventário de um Feudalismo Cultural". Tudo isso é para mostrar que a oralidade está ligada com as imagens: as imagens das pinturas do Sérgio Lemos, a imagem do Super 8, depois a imagem do vídeo. A oralidade para mim não surge como uma coisa isolada, está dentro desse complexo que eu chamaria de criação inter-semiótica.

O GALO - Como começou essa tendência?

JMB - Na atualidade, foi a Maria Bethania quem começou, nos shows e nos discos, recitando Fernando Pessoa e Clarice Lispector. Depois, ela parou, deu um tempo e agora voltou novamente. No último show dela, *Âmbar*, ela retoma isso, numa outra dimensão. O jornalista Antônio Carlos Miguel, do "Globo", fez uma matéria sobre essa tendência em discos, e cita o dela, Bethania, e cita o nosso! E cita outros também. O lance da poesia, para mim é o da oralidade. No CD, é claro, a gente está curtindo principalmente a parte áudio. Mas no último texto eu digo que o CD pode ser também o filme que você vê por módulos - o disco não tem faixas, tem módulos. Isso, na minha cabeça, são as sequências de um filme imaginário.

O GALO - Quais são suas ligações

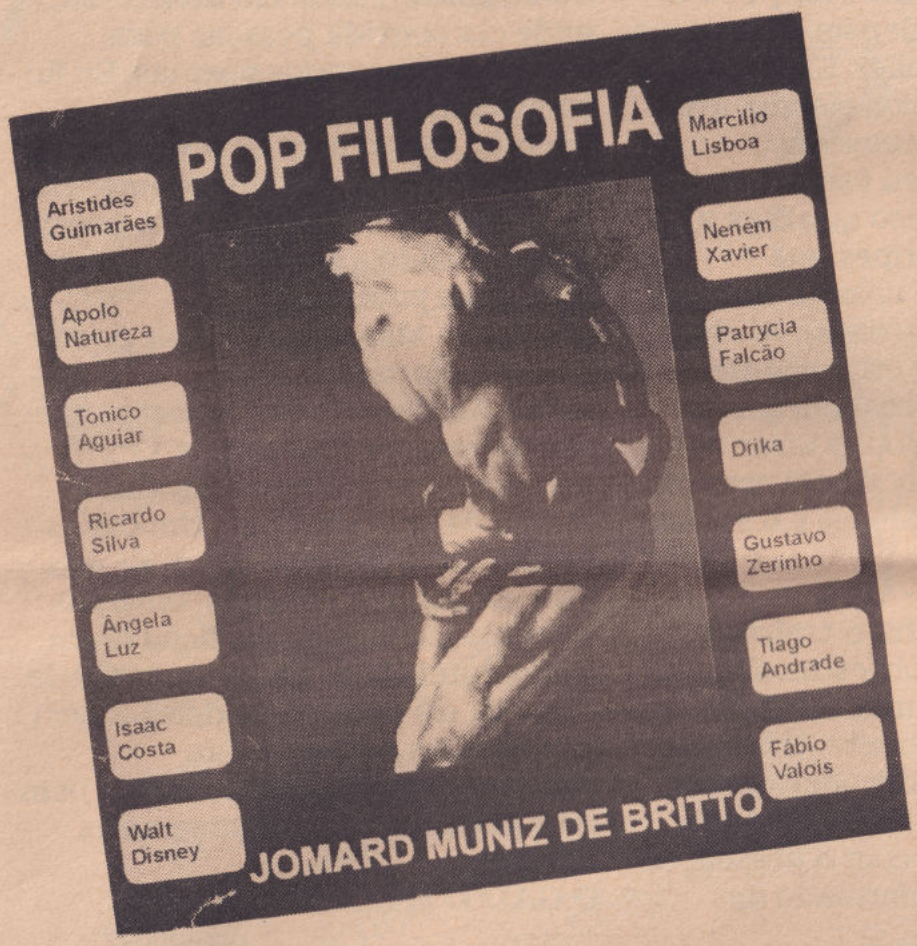


com Natal atualmente?
JMB - Nunca perdi o contato com o pessoal daqui, com o pessoal que J. Medeiros chama no seu último livro de geração alternativa (Jomard se refere ao livro "Geração Alternativa, Antilogia Poética Potiguar, anos 70/80", de J. Medeiros).
O GALO - Você considera J. Medeiros um discípulo seu?
JMB - Não, de jeito nenhum. Eu é que me considero discípulo dele. (risos).
O GALO - Voltando à pergunta anterior, com quais pessoas de Natal você mantém maior contato?
JMB - Moacy Cirne e Dailor Varela são os contemporâneos meus com quem eu tenho maior afinidade. Afinidade não só no sentido intelectual, mas afinidades eletivas e afetivas. Eu brinco muito dizendo que Moacy está há 30 anos no Rio de Janeiro, mas não existe ninguém mais norte-rio-grandense do que ele. Eu acho isso ótimo. Dailor está em Monteiro Lobato, interior de São Paulo, mas as cartas dele parecem que são escritas daqui. Porque eu mando perguntar por dona Floripes (mãe de Dailor). Quando eu vinha a Natal, nos tempos dos festivais, algumas vezes eu ficava hospedado na casa de Dailor. Sobre isso, há um detalhe meio biográfico que eu acho interessante: Eu chegava no quarto de hóspedes da casa de Dailor e botava minha roupa em cima da cama. Dona Floripes via aquilo e depois comentava com o Dailor. Ela dizia: "Mas Dailor, ele tem umas camisas coloridas!" Quando eu escrevo para Dailor, peço que diga a dona Floripes que continuo usando camisas coloridas (risos). Aí ele acha isso ótimo! Quando o J. (Medeiros) chegou, já veio um pouco tarde. A ligação inicial era com o Dailor, o Moacy e o Falves Silva.
O GALO - Você acompanha o trabalho dos novos poetas nordestinos?
JMB - Não tenho muita condição de responder objetivamente. Há uma produção tão diversificada, há uma biodiversidade poética tão grande! Tenho mais ligação com o pessoal de Recife. Mas estou informado das coisas daqui e de João Pessoa. A poesia contemporânea perdeu aquela coisa de ser uma vanguarda programática, com manifestos. É uma coisa mais eclética, mais inter-siomática, que procura jogar com múltiplas linguagens. Agora tem essa coisa da Internet, botar não só a palavras, mas a voz na Internet. Convivo com um grupo de Recife que não gosta de ser chamado de alternativo, prefere ser chamado de poetas contemporâneos. Eles gostam muito dessa linha da oralidade, eles dramatizam os textos. Tem uma figura chamado Miró, que é office-boy da Sudene. A performance dele é uma coisa incrível. Ele não diz só poemas dele, diz poemas de Caetano, de outros poetas. Ele pula, salta, bate no chão. Como ele, tem outros, como o Ivan Maia, o Sílvio Romero, que são atores, mesmo. Eu acho que essa linha performática está forte, que foi reforçada agora pela Elisa Lucinda, que tem um livro que traz um CD, "O Semelhante", onde ela dramatiza, e onde ela convida pessoas para recitar seus próprios poemas. Eu fui convidado para recitar meus poemas, mas recitei os poemas dela. Ela gostou muito. É uma tendência da poesia do fim do século. A poesia está voltando a ser uma coisa mais viva, mais pulsante.
O GALO - Mas nem todos os poetas fazem performances...
JMB - Ah, sim! Conheço poetas que não declamam seus textos. O pernambucano Alberto da Cunha Melo é de uma timidez... Um dia fizeram uma palestra sobre ele, era para ele estar lá em cima, ouvindo, ele disse que não subia, ficou lá em baixo. Ainda bem que a mulher dele, Claudia, diz os poemas deles (risos). Já o Marcus Accioly, outro pernambucano, declama muito bem seus poemas. Tem uma memória fantástica...
O GALO - Quais seus novos projetos?
JMB - No momento, estou muito preocupado com a divulgação do CD "Pop Filosofia". O meu grande sonho é transformar o projeto "Pop Filosofia" em um espetáculo de dança contemporânea. Estou à cata de uma pessoa que faça dança contemporânea para trabalhar com a gente. Vou me lançar como coreógrafo, como bailarino, não. Quero dar uns pitacos no trabalho. Este é o furo de reportagem que eu dou para O GALO.

"É uma tendência da poesia do fim do século. A poesia está voltando a ser uma coisa mais viva, mais pulsante"

Pop Filosofia: Jomard em seu habitat

Nelson Patriota



"Nossos poetas estão adoecendo de ausência./ Atenção, amantes do Parnaso./ O auto-exílio pode ser a pior das doenças". Quem assim escreve é o poeta Jomard Muniz de Britto, chamando à responsabilidade seus pares do alto de sua longa vivência poética, ele próprio a grande encarnação itinerante da idéia da vanguarda. E desconfio que, em sua ausência, essa idéia estaria exaurida vítima de incurável descontemporaneidade.

Que artista, seja ou não de vanguarda, - esse anacronismo retirado dos compêndios de literatura colegiais -, não vive o seu paraíso particular se porta nas mãos um projeto realizado? Jomard é esse artista, e seu projeto chama-se "Pop Filosofia". Por isso, traz a cara limpa, o peito aberto e o ar maroto de quem acaba de aportar à sua América; por isso, alimenta a lenda que o aponta como a voz unânime da modernidade nunca acabada. Ao contrário, quanto mais realiza, mais promete fazê-lo. Nesse ponto, (e só aí) semelha aquele paradoxo econômico: quanto mais gasta, mais eleva seu capital (intelectual). Como artista do sempre-novo, Jomard Muniz de Britto acalenta um pendor especial pela paródia, pelas aliterações e antinomias, traços, como sabemos, constitutivos das vanguardas poéticas pós-modernistas. E ainda hoje modernizantes. Aliás, o último Jomard, revelado no CD "Pop Filosofia", se compraz em jogar com esses tropos, dos quais retira efeitos os mais diversos, alguns saborosos. Na poesia-canção *Todas as coisas estão cheias de deuses*, (paródia de conteúdo profano) o poeta elege para interlocutor a própria linguagem enquanto fala, e seu derivado: a escrita. Mas trata-os como pares opostos, ao invés de complementares. O que lhe permite retirar efeitos inesperados. Vejamos alguns momentos desse colóquio jomardiano: "Quem fala diz, quem escreve condiz?/ Quem fala afaga, quem escreVIVE ofega ou ofende?/ Quem fala repete, quem escreve - SUBSCREVE?/ Quem fala parte, reparte, quem escreve é PAR TI DO?/ Ou repartido? Ou compartilhado? Ou contracomunicado?..."

Jomard é assim, gosta de brincar com as palavras, ao invés de lutar com elas, como ensinou seu colega mineiro de Itabira. A escola poética de Jomard se mantém quase sempre nos limites do paródico, da ironia. Os primeiros versos de *Como se fosse possível*, outro poema-canção de "Pop Filosofia", é uma boa receita para desarmar os ânimos exaltados. Diz: "É preciso e urgentíssimo/ que alguém escreva/ para não salvar nada/ nem mesmo a alegria".

Mas quem militou nas hostes pedagogo-políticas de Paulo Freire na juventude não perdeu o sentido de luta que subjaz a toda vida. Em *Descida aos Infernos*, o texto engajado por excelência de "Pop Filosofia", Jomard esbraveja sua ira justa e denuncia a proximidade do abismo e seu locus próprio: "Ressaltar o vivido no inferno dos abutres:

INFERNOLENTO/ O gemido de dor é um vagido de natureza demoníaca: o prazer lento./ O grito de amargor é um som natural da SUBTERRALAMA: len ta men te./ O abismo é de ontem e de lentidão: fosse permanente: caruaru/

carandiru/catástrofes./ Misturadamente com s ou x: o abismo se chama agora: / por qualquer canto ou vento/ ou novo nome velho afogado na mente: poço câncer opressão/ mi se ra bi lis mo: o abismo se chama agora: auto-exílio: autocensura: mais repressão: o abismo se chama agora e ágora...". Espaço privilegiado do público, a ágora remete inevitavelmente ao político que, no nosso país está se tornando palavra quase obscena.

Mas o paródico tem seu momento explícito no poema *O ônibus pela via Drummond*, que é, talvez, o melhor poema de "Pop Filosofia". Motivo pelo qual preferimos transcrevê-lo na íntegra:

O ônibus pela via Drummond

Jomard Muniz de Britto

O ônibus passa cheio de braços:
braços de todas as cores.
Para que tanto braço, meu Deus, pergunta minha solidão.
Porém meus olhos
perguntam muito mais:
Tantos braços, onde estão os abraços?
Tantas pernas, como descobrir movimentos?
Tantas bocas, onde estão as linguagens?
Tantas mãos, onde explodir os gestos?
Tantos ouvidos, por que não cantar tudo?
Tantos olhos, como restituir as iluminações?
Quantos desejos, quando despertar novos prazeres?

Mas, atenção!, "Pop Filosofia" não é apenas um livro de poemas. Tal idéia não casa bem com Jomard Muniz de Brito. Multimídia como seu discípulo natalense J. Medeiros, Jomard quer unir, espontaneamente ou não, as diversas artes. Há quem anseie por mais: unir todas as ciências.

Rebentos como "Pop Filosofia" carregam esse estigma de coisa múltipla, meio solta, meio desafiadora para padrões habituais de fruição estética. Que se ouça, portanto, "Pop Filosofia", porque em breve talvez também se verá , cenicamente, algo com esse nome. E por trás disso também ler-se-á este nome: Jomard Muniz de Britto.

Nelson Patriota é sociólogo, jornalista e editor de O Galo.

MORTE EM VIDA

Mizael de Souza Xavier

Rios secos de lágrimas, traços marcados
na angústia que nunca se acaba
e se afoga entre o tudo e o nada.
Calor num dia de inverno, quase tudo
uma ilusão tão profunda, imunda
que inunda o meu ser de amor e de paixão.
Nessa terra marcada, carne malvada
o capim que cresce ao longo da estrada
as pessoas que se esquecem de voltar para casa.
A miséria de olhar, carece crescer
construir monumentos de poder.
Mas até quando chorar, pedir, implorar
que a chuva caia na nossa cabeça
que vaga na noite ensolarada?
Almas perdem contato, destino cerrado
entende a vida e a morte aqui está
nosso grito apagado onde estará?
Essa vela que se acende
esse calor que não se apaga
o caixão que ganha tábuas e alças.
Cercado de capim, jogado ao relento
o destino espera um por certo
ou uma chance para sobreviver.
Somos todos marcados com a cruz do pecado
um choro atravessado na garganta
ninguém mais se espanta com isso, não.
É a morte em vida que vem atormentar
nossa vida vivida sofrendo ilusões
se Deus dá vida nessa morte em vida.

Mizael de Souza Xavier é poeta, compositor, autor de dois livros inéditos.

HENRIQUE
poeta das Ruínas e das Vibrações

Tarcísio Gurgel

(Em memória do professor Rodrigues Alves)

Não havia propriamente uma tradição intelectual entre os Castriciano de Souza, a julgar pelas informações de Câmara Cascudo, biógrafo de Henrique e de Auta, e do próprio Eloy, primogênito, nas **Memórias**, que deixou inéditas e foram publicadas pela Fundação José Augusto, apenas em 1975. (1) O pai, misto de comerciante e político em Macaíba, entreposto comercial importantíssimo, no final do século, tinha muito boas relações com os Albuquerque Maranhão, tendo se estreitado os vínculos da amizade, à medida que se afirma o projeto político dessa família, com o advento da República e correspondente consolidação da oligarquia. A cor escura da pele de Henrique, Auta e Eloy, jamais será impecilho para que venham a obter notoriedade e, até pelo contrário, parece haver sido muito interessante aos propósitos de líder abolicionista que foi Pedro Velho. E o destino, que praticamente destroçara a família num curto espaço de tempo (2) abre-se ao reconhecimento da inteligência dos três irmãos, a partir do momento em que Eloy, em Recife, atende à convocação tonitruante do líder republicano. (3) Não está em jogo saber quem, entre os irmãos, revelará mais talento para o Rio Grande do Norte. Até porque é a poesia e não a política que fascinam Henrique e Auta. E, àquele, não apenas fascina: revela-se uma espécie de recurso, florete, ora romântico, ora parnaso-simbolista, com que irá esgrimir as suas angústias existenciais, até tornar-se, literária e humanamente um cético. Com o seu talento criador é que irá suportar a contingência de ter ajuntados à triste figura de mulato desengonçado, os padeceres de tísico, aos quais se acrescentariam ainda o sofrimento da irmã, Auta, identicamente tuberculosa.

Foto reproduzida de Nosso Amigo Castriciano

Quando publica o seu segundo livro o paraibano Rodrigues de Carvalho, colega íntimo na Faculdade de Direito de Fortaleza faz questão de ressaltar:

"Débil, depauperado por uma tuberculose que já corroeu-lhe um pulmão (não usaria de uma franqueza tão rude, tratando da saúde de meu infeliz amigo, se não conhecesse de perto a têmpera de seu espírio, enrijado pela ação varonil do desdém à morte) Castriciano tem levado desde os dezoito anos uma vida nômade (...)" (4) O estigma da saúde precária o acompanharia até transformar-se numa espécie de hipocondria. Triste saldo de uma existência que um fado sombrio parece ter marcado, desde cedo, conforme se pode depreender da descrição algo grotesca, que faz Eloy da sua mais remota existência:

"Henrique não foi menino sadio. Viveu atormentado por defluxos frequentes, da menice até a infância. (sic) Quando ainda engatinhava teve perebas mortificantes e era neste estado que se arrastava, gordo e pesado, pelo ladrilho da casa nova de Macaíba." (5)

Na sequência registra a *via crucis* do irmão, sempre às voltas com problemas de saúde: Recife (para onde a família se muda, e onde ele vem a contrair pneumonia), Angicos ("onde aparentemente recuperou a saúde"), Serra do Martins ("para consolidar a cura") Mossoró ("ali consultou o dr. Almeida Castro") e Tibau onde, de mistura com uma paixão jamais explicada por uma jovem praieira, contraiu impaludismo. Sobrevivendo a Auta, que pára de sofrer em 1901, Henrique parece encontrar um *modus vivendi* que, embora revestido de mórbida singularidade, não o impedirá de desempenhar-se como um intelectual exemplar no âmbito da oligarquia. Foi polígrafo e animador literário, ao ponto de se tornar um referencial para o menino inteligente da família Cascudo .(6)

Não sendo propriamente uma pessoa expansiva, nem revelando ambição política, notabilizou-se como Secretário do primeiro governo de Alberto Maranhão, grangeando simpatia da intelectualidade. Homem de cultura extremamente variada é ele quem redige a famosa lei N. 145, de 6 de agosto de 1900, rigorosamente pioneira, garantindo, pelo Estado, a publicação de toda e qualquer obra de cunho literário ou científico, de interesse reconhecido. O desempenho cultural da oligarquia, especialmente no primeiro estágio daquele que

terminou aureolado pela alcunha de "Mecenas Potiguar", está, pois, diretamente relacionado com a discreta, porém eficiente, atuação de Henrique. Numa das melhores passagens de **Nosso Amigo Castriciano**, Cascudo projeta luz sobre essa questão. Trata-se do capítulo intitulado "Foi um Animador Literário?" Aí, desfazendo pequenas maledicências provincianas, assinala-lhe a generosidade de abrir sua biblioteca aos novos; seu interesse pela cultura popular, levando a Palácio, com o irmão Eloy, o legendário Fabião das Queimadas; seu empenho em chamar a atenção para a importância de Itajubá; identicamente clamando por reconhecimento ao velho poeta Lourival Açucena; "descobrindo" para o Estado a figura de Nísia Floresta. (7) Sem falar nas bênçãos prefaciais dos novos poetas, unção que era uma espécie de imperativo do qual os estreantes não abriam mão...

E, se a precária saúde o obrigava a viajar, tal como ocorreu quando foi à Europa, a fim de consultar-se com especialista em tireóide, neste aparente "descanso" ultramarino ele cuidou de carregar pedras, embora suaves, estas, porque diziam respeito às raparigas em flor: muniu-se de documentação para justificar, através da Liga de Ensino, a criação da pioneira Escola Doméstica.

Com a isenção que a distância, no tempo, propicia é possível dizer-se que este importante potiguar, cujo cinquentenário de morte se assinala, terminou seus dias como uma vítima da sua própria desambição, pois, como lembra o mesmo Cascudo, quando Eloy caiu em desgraça (mantendo-se ainda assim atuante nos bastidores políticos) ele, Henrique, sem qualquer senso prático, ficou rigorosamente desarmado. E é doloroso acompanhar-lhe o constrangimento de ir até a Capital Federal tentar uma colocação no arranjo político do legislativo - ele, totalmente desprovido de esperteza para esta atividade - ou, tentar uma atividade como representante comercial, um emprego que lhe desse, ao menos, dignidade na velhice. E acabou, praticamente à margem, na solidão de um quarto de hospital, mal dispondo de meios para pagar os remédios de que necessitava. Uma das páginas mais chocantes da nossa vida cultural é aquele trecho transcrito por Hélio Galvão, em seu discurso de posse na ANRL, referindo-se à fase terminal da existência do poeta. Trata-se de um depoimento de Adauto da Câmara, amigo e espécie de discípulo de HC (e a quem caberia, como se sabe, escrever a primeira biografia de Nísia Floresta) que o visitou na Policlínica do Alecrim, no ano da sua morte. Ei-lo:

Fachada do prédio primitivo da Escola Doméstica

"Entrei cauteloso, sob uma angústia indefinível. Minha emoção se acelerou quando vi Henrique Castriciano sentado em uma cadeira de balanço, quase de costa para a porta, o olhar distante e parado. O enfermeiro advertiu-me: "ele chora quando vê os amigos". Dando pela minha presença, esgazeou os olhos, tentou em vão estender-me os braços. Um sinal de júbilo se estampava naquelas faces torturadas, vindo do coração, que se sentira em sobressalto com a visita inesperada de um velho e constante admirador e amigo, cuja devoção nunca dependera das oscilações da fortuna política. Aquela cadeira era o seu leito. Já sem comandar os movimentos, totalmente desdentado, alimentava-se pela mão do enfermeiro, reduzindo-o à vida meramente vegetativa. A disartria implacável o impedia quase de se comunicar. O pior deste quadro é que, sobre tanta desgraça, o espírito conservava lúcido, através do brilho do olhar e das reações instantâneas da fisionomia... Quando me inteirei de toda e extensão dramática daquela agonia pungente, daquele ocaso de um homem de pensamento condenado pelo destino a emudecer, tratei de falar com ele, monologando... Veio um café, que eu lhe servi aos poucos, levando-lhe a xícara aos lábios. Entre um gole e outro, soluçava, os olhos fitos em mim, enquanto as lágrimas lhe inundavam o rosto..." (8)

Os seus pesares parecem não haver cessado: sua obra poética, que veremos a seguir, é quase que totalmente ignorada pelos aficionados da nossa literatura, ainda que não passasse desapercebida da crítica nacional. Cascudo bem que lutou para resgatar sua melhor poesia. Possivelmente com gastura da humanidade, ele não revelou disposição para que isso viesse a ser concretizado. (9)

Alberto Maranhão governou o Estado tendo na Secretaria Henrique Castriciano. É então criada a lei que rcomenda a publicação de obras de reconhecido valor para a cultura do Estado. Ano? 1900.

Adauto da Câmara. Seu testemunho sobre a decadência de Henrique é dramático.

Inspiração e Rigor

Dos livros de poesia que Henrique publicou, o de estréia não se conhece. Sabe-se que se chamou **Iriações**, coletânea dos seus primeiros poemas, escritos entre os anos de 1889 e 1892. Obra certamente ingênua, considerando-se que em 1889 o poeta tem apenas quinze anos. O melhor juízo que se pode fazer a respeito da possível qualidade da mesma, é sugerido pelo comportamento dele próprio que, ao longo da vida, arrebanhou os exemplares encontráveis, "queimando-os entre rugidos de fera arrependida", no dizer do seu biógrafo. Mas, cinco anos depois do lançamento, Henrique publica um longo e importante poema pelas páginas de A República, denominado "A Estátua", que reaparecerá quando, em 98, lançar **Ruínas**. Esta curiosa mistura de Miguel Ângelo e Pigmalião, inexoravelmente sufocada por um processo de interdição do desejo, (conduzido, por certo, pelo que lhe restava de preceitos religiosos) lhe daria extrema notoriedade sendo incluída por Ezequiel Wanderley em sua famosa antologia **Poetas do Rio Grande do Norte**, em 22.

Composto de 60 poemas, **Ruínas** já revela uma postura de perplexidade de quem acrescenta ao universo de leituras, um certo ceticismo filosófico. Em que pese sua formação religiosa é possível registrar, aí, igualmente, um atrevido panteísmo, de mistura com uma inquietante indagação metafísica, revelando-o como um poeta capaz de perceber o sentido de renovação que Poe e Baudelaire impõem à poética ocidental ainda no interior do Romantismo. No Prefácio, o já citado Rodrigues de Carvalho assinala, acertadamente, alguns aspectos ousados da sua construção. Ao se referir ao poema "Noiva Ideal" menciona as suas "estrofes extravagantes". E mais adiante dirá, agora tratando de um estado de espírito que já convulsiona a poética européia e do qual, por aqui, só Henrique parece se dar conta na justa medida, que se trata de um poeta que transfunde em pessimismo o seu próprio padecer, "influenciado pela decadência da poesia francesa, morbidez artística muito adaptável aos espíritos mórbidos (**sic**) é um poeta eclético que tem, entretanto, por característico um lirismo espontâneo a serviço de uma descrença silicitante." (10)

De **Ruínas** é possível dizer-se, certamente, que revela um novo ideário estético-filosófico, mesmo considerando a natureza eclética desse conjunto de poemas. Pois se há um "lirismo espontâneo", como bem notou o seu prefaciador, quando ele, por exemplo, se dirige a uma grande quantidade de musas (11) registra-se, por outro lado, uma "descrença siliciante", quando em poemas como "Súplica da Noite" o mundo urbano é problematizado ("A peste, o Vício, as torvas solidões/Da serpe o silvo e cóleras bravias,/ A meretriz à luz dos lampeões,/Cheia de pus, em contorções sombrias"), ou em "Tuberculosas" onde é claro o fascínio revelado pelo espetáculo da morbidez de mistura com a eroticidade. Seguem-se poemas onde é possível detectar traços de satanismo (revelados, num primeiro momento por um eu-poético blasfemo), resumindo-se, deste modo, uma produção rigorosamente distanciada dos langores e tímidas efusões da poética de Auta de Souza.

Mãe, livro que foi publicado em 1898 e reeditado pela FJA no ano de 1989, com Depoimento de Manoel Rodrigues de Melo, é um conjunto de poemas extremamente problemático que dá ao crítico a impressão de resultar de uma espécie de "arranjo", já que o poeta não consegue harmonizar o tom grandiloquente dos primeiros, como por exemplo, o canto de abertura e o que encerra o livro, com os outros, que compõem o seu miolo, a maioria simplória, quase todos de péssima qualidade. Partindo de um argumento trágico - a lenda do desaparecimento de Branca,(12) que foi tragada pelas águas do mar e suas consequências, o livro alterna, como dissemos, momentos interessantes e soluções líricas bisonhas, nem parecendo serem do mesmo poeta. Considere-se, por exemplo, versos como "Almas louras de meninos louros" ou "Branca, mais branca do que o nome branco..." Custa crer que tenham levado a sua assinatura. Mesmo assim o livro contém prefácio de Bilac. Perfeitamente dispensável, aliás. Como bem lembrou Cascudo quanto ao do **Horto**.

Fac-simile da capa da Antologia de Ezequiel Wanderley que reproduziu o poema "A Estátua". No detalhe, o organizador. As fotos em medalhão que ilustram essa matéria foram retiradas desse livro.

Henrique - poeta das ruínas e das vibrações

Em 1903 Henrique publica o seu último e melhor livro: **Vibrações**. Aqui, o poeta revela sua maturidade lírica e pode, à plenitude, justificar o que dele diz Clóvis Bevilácqua, repetindo Veron:

"O poeta, para atuar sobre a sua geração, há de refletir algumas das idéias, dos hábitos, dos sentimentos, das aspirações que a animam. Seu mérito é o de exprimir esses fatos do espírito de um modo superior, mais completo e mais vibrante, no qual os contemporâneos reconheçam as suas próprias emoções elevadas de muitos graus" (13)

Henrique é, decerto, este poeta. Na verdade, o lirismo, no melhor estilo romântico, ainda predomina entre os poetas potiguares do período. E quando não é este o caso, o poetar ingênuo, em forma de jogos de inteligência, que vão das charadas ao logogrifo, irritantemente presentes em algumas das mais interessantes publicações da época, como a revista "Oásis", ou o Almanack do Rio Grande do Norte, lançado no início do século. A nossa Belle Époque vive um anacronismo literário capaz de justificar a influência condoreira que tanto mal fez à poética de Segundo Wanderley. Quem assume a escrita arrojada, extravagante (para dizer-se o mínimo da influência símbolo/decadentista) é o esquisitão Secretário do Governo Alberto Maranhão.

A leitura de **Vibrações** não pode desprezar o mote epigráfico com que o poeta abre o volume. Lá estão duas citações: a primeira, de uma tradução francesa do **Fausto**, de Goethe, fala da fugacidade da imaginação; a outra, como se o poeta não quisesse deixar dúvidas sobre a nova opção poética, é a primeira estrofe de **Les Fleurs du Mal**, de Baudelaire, livro que, conforme se sabe, tornou-se um divisor de águas para a modernidade em termos da criação lírica.

Sílvio Romero embora sem revelar simpatia, deu bem uma medida da sua "independência" intelectual, alinhando-o num grupo por ele inclassificável. (14) Mas, por certo não havia lido **Vibrações**. Pois Castriciano consegue, nesse livro, atingir a atmosfera decadente, advinda dos *maudits* e com isso, habilita-se à correta utilização de versos isólitos, com que agora esgrimirá, em busca de um sentido realmente novo, por vezes até indecifrável, quase sempre chocante para a sua poesia.

Nos 52 poemas que compõem o seu útimo livro, o poeta trabalha com motivos os mais variados, porém dentro de uma ótica onde ressaltam as linhas mestras do novo ideário que agita os meios intelectuais. Não são poucos os poemas em que a linguagem científica é parafraseada e, tornada literatura, cria nova, surpreendente significação; situações são encenadas, revelando uma espécie de nova retórica onde surge, nítido, o predomínio da razão sobre a emoção romântica. A mulher, já não se encontra idealizada como quase sempre ocorre em **Ruínas** ou em **Mãe**, mas, na figuração erótica, ora escultural, ora como um corpo inerte que, embora matéria, essencialmente, entremostra a tensão entre o elevado grau de eroticidade visível em sonetos como "Flor de Carne", "Amor Pagão", "Sonho Grego" e a frieza da morte, olhada com indiferença pela ciência. Esta tensão, modelarmente simbolista, está presente no clássico "Monólogo de um Bisturi". Neste último soneto, insistamos, é possível constatar que esse fascínio do científico não elide o erotismo pervertido, fruto decerto da elaboração anti-romântica, do mais culto dos poetas potiguares. Esta elaboração tornou-se possível, é claro, por via das leituras de autores como Baudelaire, Cruz e Souza, Nietzsche, Schopenhauer. Não espanta que Henrique tenha impressionado tanto o crítico simbolista Andrade Muricy.

Obra para ser redescoberta, a poesia de Henrique Castriciano pode ser o trunfo com que agora conta o Destino maroto, para reabilitá-lo definitivamente do quase-logro existencial. É ler, a seguir, para crer.

*Em **Jardim Tropical**, Othoniel Menezes (Foto) classificou-o como "O primeiro na minha terra".*

*Auta lhe dedicou dois poemas, um dos quais o angustiante "Noite Cruel" em **Horto***

Itajubá mereceu um artigo em A República, onde Henrique alertou para a importância de sua poesia

Notas

1) **Memórias**, de Eloy de Souza, começou a ser "ditado", segundo Cascudo, que auxiliou na datilografia, em 1956, e se chamaria, inicialmente, "Memórias de um Velho", conforme se pode ler na apresentação do volume editado em 1975, pela FJA, através de inciativa da neta-afim do político, jornalista Rejane Cardoso.

2) Entre 1879 e 190l, falecem: a avó paterna, o avô Eloy, o avô materno, o irmão Irineu, e, finalmente, Auta de Souza. Esta e Henrique nesse meio tempo, lutam contra a tuberculose.

3) "Abraçando Eloy na hora de partir disse sorrindo: - Liquida essa coisa de bacharelice, que preciso de ti no Rio Grande do Norte!"(**Nosso Amigo Castriciano**, p. 34)

4) **Ruínas** foi publicado pela Typ. Universal - Fortaleza, 1899. O comentário de Rodrigues de Cavalho é parte do prefácio "Sobre as 'Ruínas'", e está na página XIX

5) **Memórias**, de Eloy de Souza (cit.) p. 40.

6) V. testemunho de Luís da Câmara Cascudo, seu biógrafo com o excelente **Nosso Amigo Castriciano** (Recife, Imprensa Universitária, 1965), especialmente às páginas 29/30.

7) Cf. o que diz o mesmo Cascudo no capítulo "H. Castriciano e Nísia Floresta", do livro acima citado. Sua fértil atividade jornalística, por outro lado, é objeto de interesse do próprio biógrafo e, mais recentemente, do pesquisador José Geraldo de Albuquerque que, a pedido da Escola Doméstica de Natal tem realizado excelente trabalho com a publicação Henrique Castriciano - **Seleta** - Textos e Poesias.

8) V. Revista da ANRL - Ano XIX - número 8, maio de 1970. P. 58.

9) Manoel Rodrigues de Melo informa: "Em 1936, Luís da Câmara Cascudo deu os primeiros passos nesse sentido. A seu pedido, João Severiano da Câmara e Milton Varela se prontificaram a custear a publicação das obras completas de Henrique. (...) Em 1944, andamos, Henrique e eu, conversando e pensando na possibilidade de uma reedição dos seus livros, inclusive de alguns estudos esparsos. Apesar do seu estado de saúde, cada vez mais precário, nunca desprezou totalmente a idéia." (Revista da ANRL - Ano IV, N. 4, de 1956) O que Rodrigues informa é importante, mas não esclarece a não reedição, só debitável ao desalento do poeta. Menos mal que ele mesmo resgatou, aqui sim, por iniciativa do próprio Henrique, que lhe enviou recortes de A República, a série de artigos intitulada "Lourival e seu Tempo" na revista citada, depois incluída por Cascudo em **Nosso Amigo Castriciano**.

10) **Ruínas** (cit.) p. XXXIII

11) Citadas, explicitamente, ou por alusões as mais variadas, aí estão as Magdalena, Maria, Dulce, Judith, Laura, Inhá, Ilda, Ignês, Lúcia, Esther, Rosa, além, é claro, das figuras da irmã, Auta, da mãe e da avó Dindinha. A rica relação de Henrique com o elemento feminino, que mistura o sagrado e o profano, interdição e desejo que ele, problematizou no famoso poema "A Estátua", em que reúne Maria e Madalena, é um assunto que, particularmente, fascina o crítico. Num primeiro momento, rendeu um trabalho na Pós-graduação, nos anos oitenta, no Rio de Janeiro. A ele pretendo retornar.

12) A título de mera curiosidade, lembrar que é também Branca, o nome da noiva que morre de saudades, do mais famoso poema de Itajubá: "Terra Natal". O signo, claro, remete a pureza. Mas, encerra sutil ambivalência: em razão da cor de Henrique.

13) V. **Vibrações**, prefácio, p. 4. O livro foi editado em Natal, pela Empresa Gazeta do Comércio, como "contribuição" do Grêmio Polimático, em 1903.

14) V. **História da Literatura Brasileira**, (RJ - José Olympio, 1960 - 6a. Ed. Tomo 5) p. 1803 (Sem citar a fonte, Péricles Eugênio da Silva Ramos na antologia **Poesia Simbolista**, assegura que Romero o classificava "poeta de transição").

> Quanto mais sofro mais descreio. Agora
> Cheguei ao céu da Dúvida Suprema,
> E é a existência, para mim, a algema
> Que rouba o condenado à luz da Aurora
>
> (Fragmento de "Nada" - **Vibrações**)

Amostra da produção castriciana

Monólogo de Um Bisturi

A Papi Junior

"Primeiro o coração. Rasguemo-lo. Suponho
Que esta mulher amou: tudo está indicando
Que morreu por alguém, este ser miserando,
Misto de Treva e Sol, de Maldade e de Sonho.

Isto não me comove: adiante! Risonho
Fere, nevado gume! e, ferindo e cortando,
Aço, mostra que tudo é lama e nada, quando
Sobre os homens desaba o Destino medonho...

Fere esse braço grego! E as pomas cor de neve!
E as linhas senhoris que a pena não descreve!
E as delicadas mãos que o pó vai dissolver!

Mas poupa o ventre nu, onde repousa um feto:
Por que hás de macular o sono fundo e quieto
Desse verme feliz que morreu sem nascer?"

(Vibrações)

Alma Ferida

O resto é silêncio... HAMLET

Deus ou Acaso, Acaso ou Providência,
Realidade ou Sombra enganadora,
Matéria bruta, ou luz da Inteligência,
Quem quer que sejas, Força Criadora,

Por que me deste a mísera existência
Que não pedi, e o coração deplora?
Finde-se logo a rude penitência...
A Vida é um mal para quem sofre e chora

Orar! Por que rezar, homens felizes,
Se o Nada não distingue entre as raizes
Do ciprestal a múmia que se cala?

Na tumba escura, saberão os vermes
Quem assassina os pássaros inermes
E o coração dos tristes apunhala?

Na Solidão

(na gruta das Trincheiras - em Martins)

A lágrima sem fim, a lágrima parada,
que eternamente cai do cimo desta gruta,
representa alguma alma estranha e desolada,
que vive a soluçar dentro da rocha bruta.

essa alma, quem será? Não sei! Mistério fundo...
entretanto, eu precinto alguem que se debruça.
E, baixinho, me diz num gemido profundo:
- existe um coração na pedra que soluça!

(Ruínas)

O que disseram de H

Andrade Murici

"(...) era de temperamento delicado, valetudinário perpétuo, e homem de vasta cultura. Foi atilado crítico de Cruz e Souza e amigo de Nestor Vitor."

(Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro)

Affonso Romano de Sant'Anna

"(...) tomando a mulher como paciente, como objeto de incisões clínico-eróticas, Henrique Castriciano (1874/1947) produz outro texto exemplar dessa vontade canibal de perfurar e devastar as carnes femininas. Significativamente o poema se chama "Monólogo de Um Bisturi"

(O Canibalismo Amoroso)

Péricles Eugenio da Silva

"Sílvio Romero não
nem parnasiano, nem nefe
como poeta de transição (
verdade Castriciano osten
como o decadentismo esc
"Monólogo de Um Bisturi"
parnasianismo."

Câmara Cascudo

"Poeta amargurado,
exaltado (...) É um rebelde,
impenitente e feroz, apostro
perscrutando mistérios e di
negação e de orgulho."

**(da inédita História d
Riograndense apud
discurso de posse de Hélio**

(...)
Essa ilusão de mármore gelado
Findara da velhice nos escombros,
E, agora, o gênio estava ali curvado,
Como sustendo o mundo sobre os ombros.
(...)

E, pouco a pouco, a rude mão calosa,
Num divino milagre de escultura,
Talhou na pedra a forma esplendorosa
Da Santa Madalena da Escritura
(...)

"Eu fiz de ti, ó Santa! o puro cofre
Onde guardei toda esta vida insana!
Fala! que sentes tu? Acaso sofre
O mármore ao tomar a forma humana?
(...)

A Estátua

(...)
Corta-me o seio a Noite quando desce
Regela o frio os meus nevados flancos,
Leve teu gênio ao céu a minha prece
Já que gerou os meus contornos brancos
(...)
Calou-se a Estátua. O Gênio, alucinado,
Pegou do malho e destruiu, demente,
Aquele sonho - todo o seu Passado,
Aquela imagem - todo o seu Presente!
(...)

(Fragmentos de "A Estátua" - **Ruínas)**

Espírito e Matéria

A Manoel Dantas

No anseio, no labor do mais profundo esforço,
Homem! Sondas debalde a Terra e o Firmamento!
Podes subir no Azul, dourando o Pensamento,
E o lodo revolver, triste, curvando o dorso...

Tu, bastardo de Deus! Sintetisas, num escorço
A Luxúria e a Pureza, o Sorriso e o Lamento:
Choram dentro de ti, num fúnebre memento,
As endeixas do Amor e os gritos do Remorso.

Matéria e Protoplasma, Infusório e Protista,
Corvo que desce à lama, Águia que eleva a vista,
Mocho que odeia o Céu, Pomba que adora a luz,

Homem! teu coração recorda uma balança:
Numa concha -o Ideal do Cristo e o iris da Aliança
E, na outra, - Satanás a sorrir de Jesus!

(Vibrações)

Homem! Debalde, os olhos cheios d'água,
Fitas o Céu, voltado sobre o mundo:
Quem é que pode definir a Mágua
No que ela tem de mais eterno e fundo?

Tu, Schopenhauer - desvairada e louca
Alma cheia de fel e de ironia, -
Foste sincero quando a tua boca
A Dor, o Sofrimento definia?
(...)

(Fragmentos de "Volúpia da dor" - **Ruinas)**

enrique e sua Obra

Ramos

o considerava
libata; tomava-o
...) embora em
te outros traços,
ndalizador em
e mesmo o

Poesia Simbolista)

sofredor, convulso,
um vociferador
fando céus e terras,
endo palavras de

Literatura Norte-
Nísia e Henrique -
Galvão na ANRL)

Hélio Galvão

"Castriciano como Nísia teve projeção internacional, figurando na **Littérature Brésilienne**, de Victor Orban, e na antologia sueca de Coran Bjorkman, da Universidade de Estocolmo. Ambos os tradutores serviram-se de sonetos de **Vibrações** (...)" (Idem, ibidem)

Mário de Andrade

"Henrique Castriciano é que nem eu, a respeito do Brasil, e temos conversado horas úteis para mim. Talvez ele seja apenas um espírito menos prático que o meu mas pra compensar tem uma erudição e um conhecimento tradicional excelentes das coisas do Brasil e do mundo. Como cultura brasileira, franqueza: é um dos poucos nordestinos com quem tenho privado cujas reações intelectuais funcionam em relação ao Brasil."

(O Turista Aprendiz)

- Deus, Maria? Deus é a Natureza,
É isto que nos rodeia,
É a seiva da planta que descora,
É o calor que gira em nossa veia,
É o Éter, é a Lua, o Sol, a Aurora...
Tudo afinal que a nossa vida ateia!

(Fragmentos de "Panteísmo" - **Ruínas)**

LUA

Dorian Gray Caldas

Abraçados à lua,
na hora propícia
choram os amantes,
sonham os loucos,
os assassinos matam.
Protegendo-a como a uma criança,
escondendo a sua luz
o louco a segura
e o que lhe sobra aos dedos
ainda alvacenta os prados.
Por largo tempo ficas
neste charco imundo.
Este o seu destino?
Que valor teria
esta lua fria
nestes céus profundos
se aqui em baixo o brilho
nem sequer ocultas
do seu plenilúnio?
Ah! ela está morta,
dizem os entendidos.
Glacial no céu,
vaso mortuário,
sítio insondável,
infortunada dama
despida e grávida senhora
que procura amantes
entre os astros.
Lentamente passas
e exorcizas os mortos
nos cemitérios rasos.
Lua, pátria degradada
que a bandeira guarda
e o passo imprime o pé
do astronauta.
Ao mesmo tempo negas
a sua morada.
Lua, olho lento de Deus
na noite sobre o solitário homem.
Silenciosa e erma,
enquanto a nossa
vida passa,
por sobre a solidão
desses seus halos.

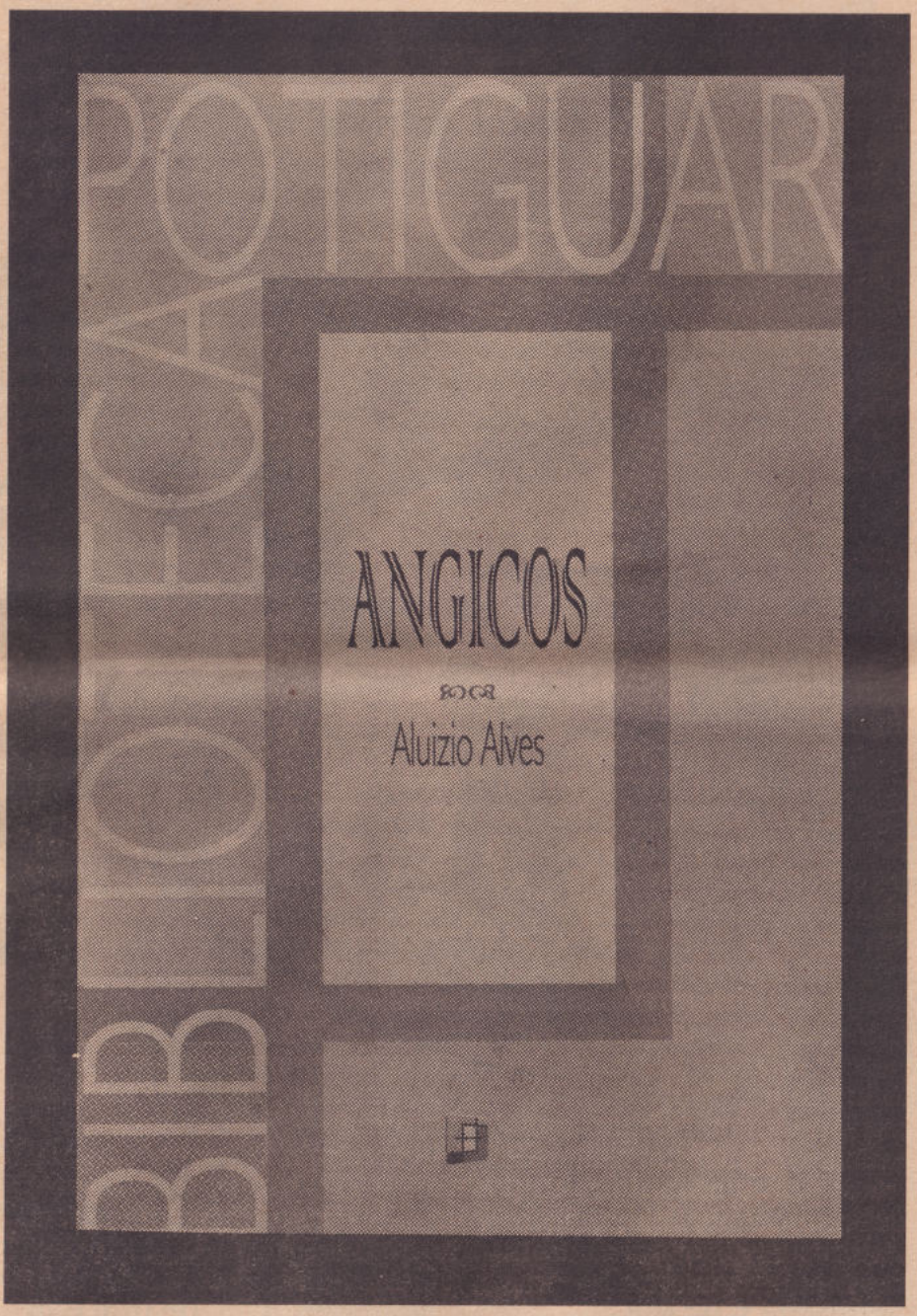
Dorian Gray Caldas é artista plástico e escritor

Um clássico potiguar

Cerca de 400 pessoas participaram do lançamento do livro **Angicos**, do jornalista e escritor Aluizio Alves, ocorrido no dia 9 de outubro no Palácio Potengi. Esta segunda edição, que sai pela Fundação José Augusto (a primeira é de 1940, e teve a chancela da Irmãos Pongetti Editores, do Rio de Janeiro), é fac-similar, tem apresentação do presidente da FJA, jornalista Woden Madruga e prefácio do presidente do Conselho Estadual de Cultura, Cláudio Emerenciano.

A edição de 1940 traz também uma carta do jornalista Eloy de Souza, fotografias de personalidades ilustres e de monumentos e mapas do município. A obra faz parte da Coleção Biblioteca Potiguar, que lançou no ano passado "Velhos Costumes do meu Sertão", de Juvenal Lamartine, cuja primeira e única edição saíra em 1965. O objetivo da Coleção é reeditar os clássicos da literatura norte-rio-grandense.

"Além do valor literário da obra e da sua importância histórica, com essa reedição prestamos uma homenagem a Aluizio Alves, um governador mecenas, situado no mesmo topo de Alberto Maranhão", diz o presidente da Fundação José Augusto,Woden Madruga.



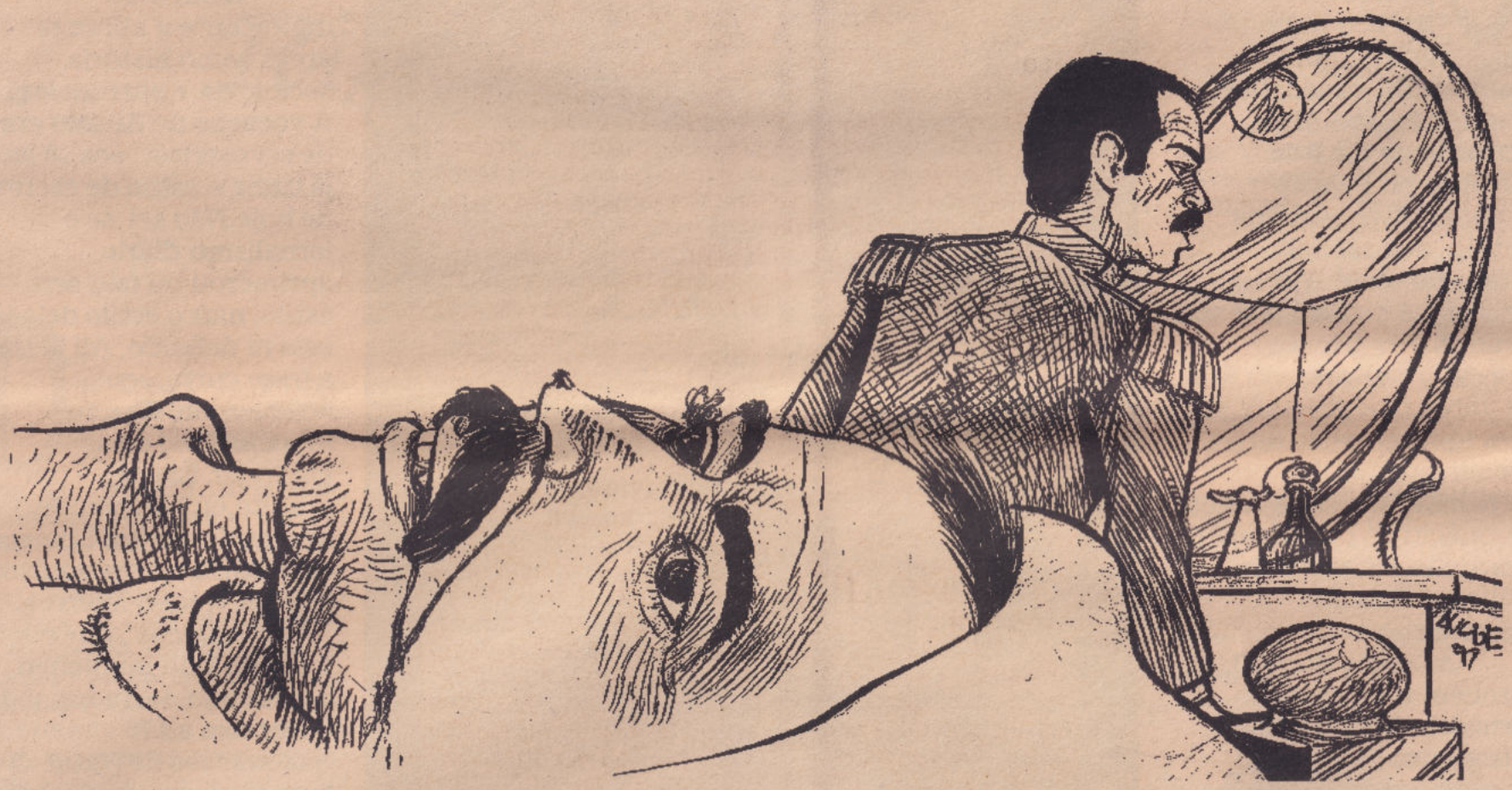
Foi no Governo de Aluizio, no início da década de 60, que foi criada a Fundação José Augusto e iniciada a publicação de importantes livros de autores norte-riograndenses, como "Gizinha", de Polycarpo Feitosa, "Poesias Completas", de Ferreira Itajubá e "Roseira Brava e Outros Versos", de Palmira Wanderley.

"É um livro importante e abrange áreas como história, sociologia e antropologia. A vocação de Aluizio era a de ser escritor: aos 18 anos já tinha o estilo de escrever de hoje.Não sei se o jornalismo diário aprimorou ou não seu estilo, mas o estilo dele já estava definido. Ali já tinha a frase curta, sem adjetivação, de uma maneira fácil de se entender. Ele não é um erudito ou falso erudito, apesar de ser um homem de cultura, que pesquisou", analisa Woden Madruga.

"**Angicos**", que conta a história do município homônimo, terra natal do autor, fica a 176 quilômetros de Natal. O livro faz parte da Coleção Biblioteca Potiguar, da FJA, que lançou no ano passado "Velhos Costumes do meu Sertão", de Juvenal Lamartine, cuja primeira e única edição saíra em 1965. O objetivo da Coleção é reeditar os clássicos da literatura norte-rio-grandense. Já está no prelo o volume três da Coleção, o "Livro de Poemas", de Jorge Fernades. Em seguida virão "Terra Natal", de Ferreira Itajubá, "Horto", de Auta de Souza e "Mossoró", de Vingt-Un Rosado.

A EVIDÊNCIA NO ESPELHO

Nilson Patriota



Um minuto antes era ocaso. Logo, porém, a noite se fechou sobre a cidade como uma rosa aveludada, de pétalas escuras.

Em seu quarto, o general estertorava.

Envolvido por estranhos pressentimentos, sem conseguir se livrar da mórbida sensação de temor, que a última pontada no peito lhe causara, Gualberto de Alencastro Rosas começou a se sentir pequeno, ínfimo, um verme diante do mundo e sobre a terra.

Conflitos interiores, incertezas e dúvidas... O suor pegajoso lavavam-lhe o peito. Um esgar de angústia e de dor marcava-lhe o semblante.

A antiga importância do nome, antes tão elevada entre seus pares, já não lhe importava. Sentia-se, agora, humilde e desgraçado, um ser inferior em meio aos mais inferiores dos mortais.

Sem conseguir atinar com a forma de como proceder para sanar ou tornar suportável aquela escatalogia íntima, aqueles seus presságios, razão de todos os seus males, procurou impor ao espírito perturbado a alternativa dúbia, talvez insustentável, de que não morrera e sim entressonhava, conforme sempre lhe acontecia ao se sentir diminuído ou desmoralizado.

Em seu âmago, porém, na cavidade mais obscura e profunda de seu cérebro entorpecido, buscava fugir de tudo aquilo, agindo como um animal que se guia apenas pelo instinto de conservação. Não podia, afinal, admitir que os seus belos dias se tivessem esgotado pobremente, em lufadas de febre, em suor e em dor.

Gostaria de sentir ainda mais superior do que fora. Mas aquilo não o isentava de amargar ressentimentos e mágoas. Tanto dos homens, quanto da vida e até de si mesmo. Teimosamente contrário, como sempre fora, às mesquinhas prescrições dos médicos, às advertências dos amigos, aos conselhos da família, agora via com olhos de vergonha que fora ele próprio o único a se enganar. O enfarto o pegara.

Toda a vida tinha ele se sentido um homem de verdade! Um herói invencível, um comandante obstinado e sem temor, revestido de uma armadura de pretensão e de orgulho. Seu maior valor, no entanto, estava em ter sempre empurrando mais e mais soldados para a morte. Com isso, ganhara vastíssimas condecorações que lhe recobriam o peito em dias de desfile. Agora não estava satisfeito e achava tudo estranho. Após aquela prostração aniquiladora, letal, em que se consumia - pensava consigo mesmo - era incrível que continuasse a mastigar idéias de grandeza. Inexplicável que ficasse ainda a remoer descaracterizados pensamentos que sempre acabavam por conduzi-lo a atitudes ambivalentes e a fustigá-lo com estupenda ansiedade e vagas reminiscências. Por isso achava que os seus raciocínios tinham contornos indesejáveis, contraditórias conclusões.

Um século consumira a duração daquele sofrimento, mas apenas um instante havia durado.

Agora a depressão tinha ido embora, restando-lhe a apreciável certeza de boiar num limbo de imponderabilidade, onde se sentia sem volume, sem peso, circunvagando um orbe sem limites e apenas povoado de nébulas longínquas. Ali as impressões pareciam remotas, fugidias, e as surpresas tão longínquas como o derradeiro ocaso do Planeta. Conquanto somente de relance percebesse que a esse dado se ligava, nitidamente podia lembrar que um pouco antes o ar em seus aposentos estivera quente e abafado, e que agora não. Agora, a brisa noturna tinha chegado em sopros atenuados e sonolentos, espargindo um cheiro mole e adocicado de margaridas e malvões dentro do quarto.

Um choque lhe percorreu em frêmitos o corpo. Teve, naquele momento, sua primeira reação, que não foi de alegria, mas já não mais de espanto. Ao se perguntar, apreensivo, o que de fato estaria ocorrendo, para que tudo lhe parecesse tão estranho, não descartara inteiramente a idéia da morte.

- Se a morte é tão simples... não há porque temê-la - ele sussurrou, surpreso com a própria conduta. Depois considerou melhor o assunto e estremeceu.

Como uma nítida martelada, desfechada em seu crânio, a intuição veio rápida, mas não satisfatória. Então se olhou a si mesmo e viu-se estendido no leito, os braços abertos, a boca escancarada, os olhos azuis, apagados, velados por uma película nevoenta, umectados por lágrimas recentes, que escorriam dos cantos e pareciam cor de cinza. E aqueles olhos parados, fixando intensamente, como se não enxergassem, o espaço, o vazio.

Nas pálpebras já roxas, nas maxilas esverdinhadas, os microvasos sangüíneos e azulados alastravam-se como raízes intumescidas da epiderme.

Tudo lhe pareceu ainda mais estranho. Porque mesmo ao se ver assim tão quieto, não podia se convencer. Faltava à morte argumentos.

Então lhe ocorreu a idéia de se mirar no espelho do quarto. Sim, lá devia estar a solução do enigma. Avançou na direção da lâmina de cristal que o fitava obtusa e cega. Nela mirou-se e não viu. Procurou-se no fundo do espelho e não se encontrou. Que horror! Sim, horror! Horror foi tudo o que sentiu. Diante do cristal mudo e vazio do penteador, estremeceu. Onde todos os dias se postava, com aquele ar indagador, com aquele garbo admirado, só restava o branco da luz, o espaço em que o contorno dos objetos aparecia. Embora o espelho não se omitisse de refletir ou devolver a imagem do ambiente com os objetos em seus lugares, a de seu rosto não refletia.

Sobre o dignitário e a solenidade de sua importância, a dor e a solidão se abateu.

- Que vergonha, um homem como eu morrer assim! Esta morte não é digna de mim, mas de um canalha! - ele dizia, cheio de revolta, chateado.

Apavorado com a desclassificação que achava pudesse advir com a morte, sentiu-se sozinho. Tentou gritar, mas seu grito não obteve eco. Então, rápido como lhe foi possível, tentou regressar ao corpo que via estendido sobre a cama e era o seu. Mas, puxado por uma força irresistível, recuou, nauseado, com a presença das moscas que passeavam, animadas, pelas cavidades do cadáver, a boca entreaberta, os olhos afundados nas órbitas e vazios.

Então imaginou que talvez estivesse sonhando como lhe acontecera, certa feita, no campo de batalha, por ocasião de sua última contenda. No sonho, o inimigo lhe trespassava com a lâmina do sabre. Tivera muito medo mas nem sentira a dor. Entretanto, quando já lhe preparavam o cadáver para as exéquias, havia despertado considerando quão estranhos eram os sonhos.

A lembrança de outro estranho sonho lhe aflorou à mente. Para conquistar uma posição inimiga, com o que obteria uma promoção e uma medalha, negociara a própria sombra com o diabinho verde da ambição e da vaidade, que sempre o perseguia. A sensação de vazio que depois disso sentiu só teve comparação com o vexame pelo qual passou no dia em que os soldados do batalhão descobriram que o seu comandante fora desprovido da sombra que o acompanhara sempre e agora já não se deixava surpreender.

- Como poderiam as Forças Armadas continuar mantendo em seus quadros um oficial desprovido de sombra?! - argumentara o comandante em chefe ao lhe remeter de volta para casa com a vergonha de não ter sombra estampada em seus olhos.

Todavia, como em sonhos anteriores, ali mesmo acordou. Sentiu-se aliviado por não precisar explicar a ninguém seus negócios escusos com os sonhos.

Agora, porém, as coisas se passavam de forma diferente, e a evidência do que lhe acontecera estava no espelho, naquele espelho que jamais falhara e que por toda a vida o acompanhou, como um amigo infalível, submisso e leal, devolvendo-lhe o garbo da imagem que lhe era todas as manhãs apresentada. Mesmo assim ainda não estava convencido.

Como último recurso, lembrou-se de apalpar os pulsos, mas suas mãos não tocaram em nada. Então, decidiu atravessar a parede para ver se de fato morrera, e por ela passou como se transitasse por uma porta escancarada. Seus cabelos se arrepiaram e todo ele estremeceu com medo de fantasmas.

Por suposição é certo ter morrido, isso é o que sabemos, mas não o resto, tão ilusório quanto a vida, e apenas adstrito ao conhecimento de quem atravessou a porta escura e fria da Verdade a que chegaremos um dia.

Nilson Patriota é jornalista, historiador e ficcionista. Autor de "Vôo de Pássaro", "Itajubá Esquecido", entre outros.

DO CANTO DE MURO DE CASCUDO AO POVO DA TERRA FRANCESA

Diva Cunha

"Da terra úmida pelo orvalho evaporado subia o murmúrio confuso de todas as vozes surdas dos animais em batalha pela vida, rastejando, escorregando, pateando no solo. Das árvores derramava-se o rumor vivo de asas, pios, bufidos, estalidos, apelos, réplicas, guinchos de aviso, de informação, pedidos de auxílio e socorro. Nos ares as sombras rápidas perpassavam, continuando a mútua perseguição, lutando pela sobrevivência - o amor e o alimento - vitais ambos".

(Canto do Muro - "Caçada Noturna", pág. 10).

Foi lançado, recentemente, na França e já chegou ao Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) o filme "Le Peuple de L'Herbe", que em português recebeu o nome de Microcosmo. A película é dirigida por um casal de biólogos franceses, Claude Nuridsany e Marie Perennou, que levou 10 anos para escrever o roteiro e mais três anos para colocar em cena os pequenos personagens que os olhos mal vêem: os insetos. O tratamento da matéria é espetacular, mas o rigor dado a ela é científico, segundo seus diretores, e tem por objetivo chamar atenção da platéia para esse mundo tão próximo e tão distante do nosso.

O violento drama da sobrevivência dessa fauna mínima - está causando o maior impacto nos espectadores e foi consagrado pela crítica cinematográfica com cinco prêmios Césares - o "Oscar francês".

O interesse pelo assunto tem gerado inúmeras reportagens e matérias na imprensa (falada / escrita e televisiva) e lembrou-me, de imediato, do livro de Câmara Cascudo intitulado Canto do Muro.

Publicado, pela primeira vez, em 1959, esse livro, coincidentemente, elege como personagens o universo minúsculo do fundo do quintal, sem que, sobre ele, caia nem a sombra do Homo (dito) Sapiens.

Projeto dos mais longos Canto do Muro, levou como o filme muitos anos para ser finalizado, segundo o próprio Cascudo, em Depoimento publicado no final do volume:

"um livro de poucos meses vivido em muito mais de quarenta anos" e atesta "o seu interesse pela História Natural", desde o tempo em que era um jovem estudante de Medicina, em 1918. A preocupação do autor com a obra é evidente, tanto no posfácio - depoimento em que explica a sua gênese, como numa pequena nota que o antecede: "Quase todos os episódios contidos nesse romance, de costume, foram observados diretamente e qualquer semelhança, não é mera coincidência".

...

Afirmo que este é um livro de boa fé..."
(Introdução ao texto Canto de Página")

Qual foi a concepção teórica de "romance de costumes", adotada pelo autor não sei, mas prefiro, no caso, imitando Mário de Andrade - amigo de Cascudo - dizer que se Câmara Cascudo chamou de romance de costumes, vamos aceitá-lo como tal. Afinal, romance é o gênero mais flexível de todos, como já disse Henry James.

Américo de Oliveira Costa no seu livro Viagem ao Universo de Câmara Cascudo, lembra sua filiação "a corrente dos bestiários",[1] cujo exemplo maior é o Roman de Renart,[2] e aponta sua originalidade no conjunto da obra cascudiana.

Se o ponto de partida do livro é a observação meticulosa do meio ambiente, quintal da casa do Tirol, o ponto de chegada desejado é a ficção, isto é, a criação de um real supra-imaginário, onde os bichos têm nome e como nas fábulas metaforizam tipos humanos com intenções satíricas e pedagógicas.

Composta por 25 capítulos, o livro é um grande painel do mundo natural "mais pequeno", em toda sua plasticidade e violência e os animais representados nos

seus momentos mais dramáticos e aspectos mais caracterizadores.

Cada capítulo é dedicado a um ou mais animaizinhos, dependendo da quantidade de material que o autor tenha recolhido sobre eles. E cada personagem é batizado, criativamente, com nomes relacionados ou à etimologia científica da espécie, ou à mitologia criada em torno dele(s), ou até provocado por uma associação irônica do autor, a partir de características física daquele animal. O sapo, pesado e cerimonioso é chamado de Fu - o Mandarim. A coruja é Sofia, por estar relacionada mitologicamente à vida intelectual - à filosofia. Enquanto do nome científico Quiroptéros, tira o abreviado Quiró, para nomear o morcego.

Os animais, personagens, não constituem individualidades, mas são trabalhados como tipos que representam a espécie que pertencem. E os nomes escolhidos pelo autor colam-se a eles como uma segunda pele tão apropriada, que até parece já terem nascido assim nomeados.

Os capítulos são, praticamente, independentes um dos outros e podem ser lidos como crônicas ou contos. O ponto de união é o mesmo teto, o céu e o mesmo chão, a terra trabalhados, ambos poeticamente, pelo autor.

O primeiro capítulo - "O Canto dos Muros e Seus Moradores"- situa o espaço, onde se passará a inacreditável história desse povo de asas, patas, garras e ferrões, sempre pronto para amar, comer, morrer ou matar. Enquanto o vigésimo primeiro é dedicado a "Irmã água", começo de tudo.

São dignas de figurar em qualquer antologia as descrições feitas por Cascudo, de algum dos seus pequenos amigos. Vejamos essa, do sapo Fu, o famoso Mandarim:

"É um grande, obeso, solene cururu de vinte centímetros, mosqueado de negro e vermelho, sobre fundo gris. Parece que Velasquez limpou, no seu dorso, os pincéis com as tintas habituais. A bocarra, sem dentes, alonga-se indefinida, até depois dos dois grandes, doces e lindos olhos cismados. As patas sólidas, robustas e arqueadas como braços de lutador, sustentam o peso de mais de um quilo de orgulho, imponência e lentidão". (Canto de Muro, pág. 184.)

Ao lado destas descrições do aspecto físico das personagens, tem-se a descrição, extremamente, detalhada de suas residências.

"O aposento do ratão cinza, ébano, de ventre alvacento, é mobiliado com precisão no plano das utilidades relativas ao proprietário. Há uma coleção heterogênea de relíquias dos assaltos antigos, restos secos de alimentos, farrapos de panos, tiras de papelão sem cor, latas decenárias... etc.

Ali Go dorme e sesteia quando as obrigações inadiáveis não determinam sua presença noutros pontos". (Canto do Muro, pág. 35).

O narrador, atrás do qual se esconde (ou nem tanto) o autor, deleita-se em acompanhar os jogos amorosos, as estratégias meticulosas da sedução e a conjução carnal, que em muitos e muitos casos termina na morte de um dos parceiros. O macho, evidente-mente, senão seria o fim da espécie. Acompanha com certo respeito, e até temor, a luta feroz pela sobrevivência e pelo poder em um mínimo espaço, num tempo tão breve de vida. E a partir daí, faz amplas digressões de cunho moralista, na maioria das vezes, perfeitamente dispensáveis, porque fazem pesar o tecido textual que deve ter a insustentável leveza do ar.

Mas, no conjunto, que se chame romance ou não, é um singular texto que tem sua atualidade demonstrada pelos holofotes que encandeiam a produção francesa. Não é possível que de toda essa badalação, não reste uma luzinha dessas para iluminar os nossos tristes e talentosos trópicos.

Defendo, pois, nesses dias que antecedem o centenário de Câmara Cascudo, que seja feita uma reedição, com um arrojado projeto gráfico e ilustrações , que tornem o livro atraente para os estudantes e o público em geral. Estaremos, assim, homenageando o autor num dos seus momentos mais inspirados e risonho.

Natal, 17 de setembro de 1997.

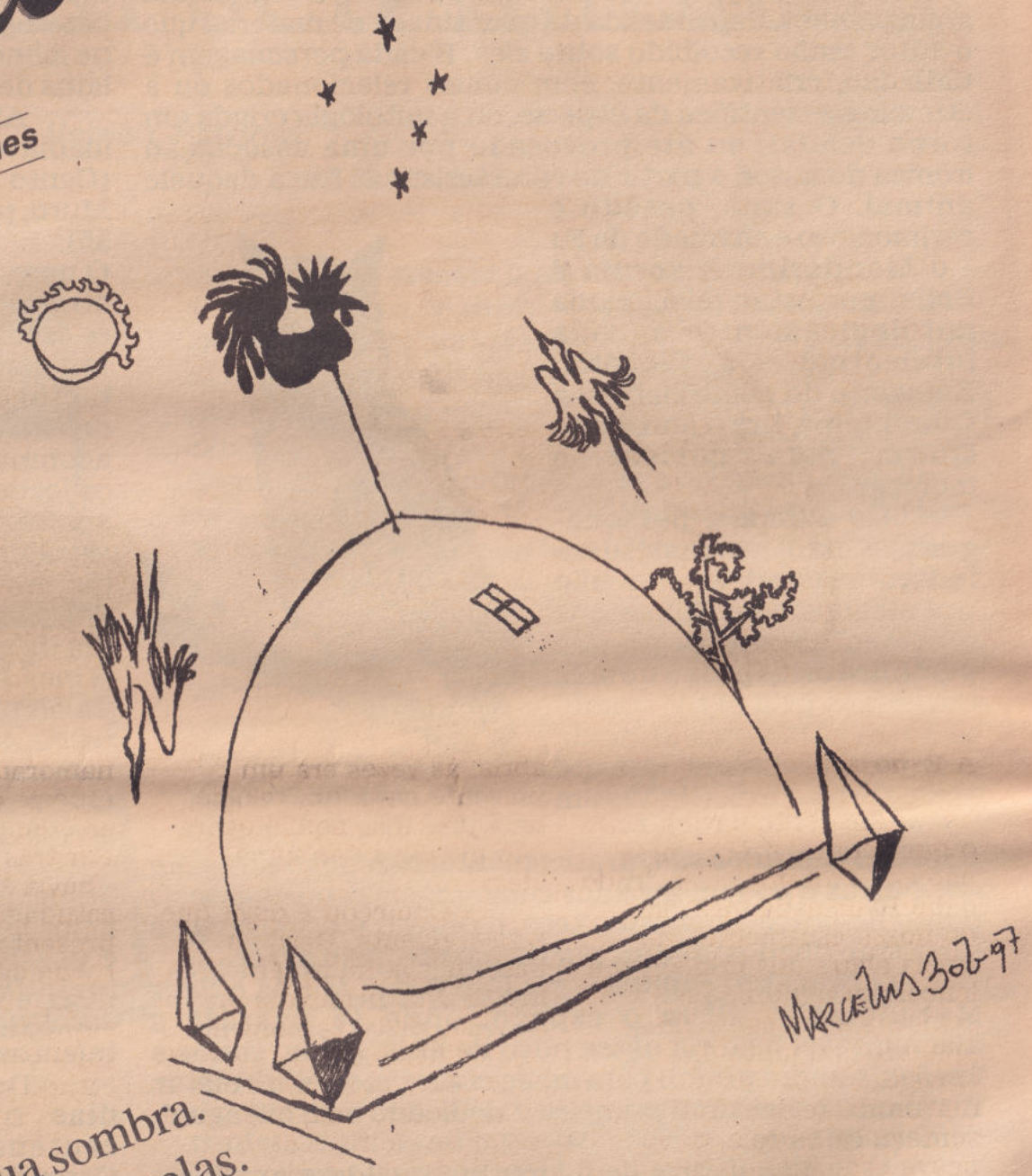
1Livros em prosas ou versos, muito comuns na Idade Média, que tinham como personagens animais verdadeiros ou fantásticos.

2 Epopéia animal da Literatura Francesa. Cf. COSTA, Américo de Oliveira. In Intermezo fora da Terra dos Homens. Viagem ao Universo de Câmara Cascudo. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

Diva Cunha é poetisa. Escreveu entre outros, os livros "Canto de Página"e "Coração de Lata".

Alpendre de Rua

Josean Rodrigues



A figueira edificou-se
e no vai-e-vem dos homens
tornou-se templo,
catedral da natureza.

Enquanto vimos,
enquanto vamos,
suas redes continuam
nos alpendres da rua
alinhando os pardais
recebendo os bem-te-vis
ocultando os morcegos.

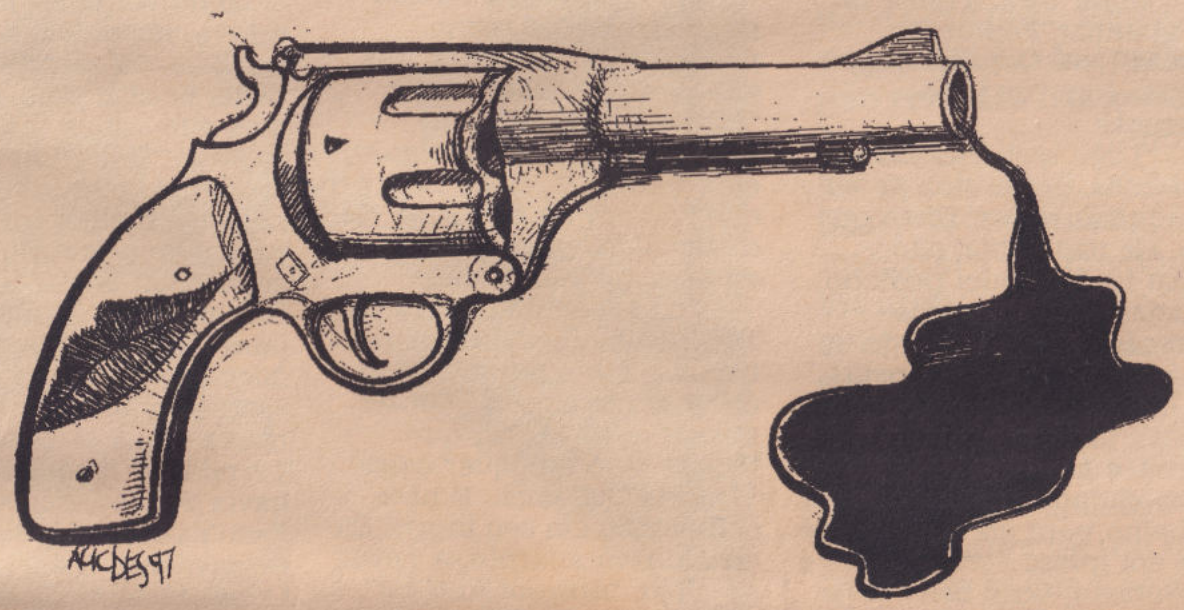
Muitos sóis formam sua sombra.
Muitas luas derramam as estrelas.

Até que não derrubem as redes
que não destruam as paredes
os quartos verdes
a figueira seguirá no tempo
acolhendo os pássaros
na Cidade Alta.

Josean Rodrigues é poeta e editor de O Gancho

Antero

Renard Perez



A Esposa:

- Ele continuava a fazer o que sempre fizera - mas não era a mesma coisa. Todo o dia 10 de cada mês, data do nosso casamento, me trazia algo - uns brincos, um lenço, um perfume - e colocava a um canto do aparador, ou junto do travesseiro, às vezes até dentro da geladeira. E sentava-se na sala, de lá ficava seguindo disfarçado os meus gestos, esperando para ver minha expressão quando descobrisse o presente. Agora, chegava a véspera, dizia: "Amanhã é dia 10. De que é que você está precisando?" Eu dizia que não estava precisando de nada, não queria nada, ele ficava insistindo: "Está precisando de uma bolsa? Um par de sapatos?" Eu falava que desse o que ele mesmo tivesse vontade, importava era o gosto dele, lembrava-lhe que antigamente trazia sem combinar. No dia seguinte, à noite, volta do trabalho, me estendia o embrulho, "abra, veja se era disso que estava precisando". Eu abria, às vezes era um presente caro, um relógio, uma jóia, mas aquilo agora não me dava nenhuma alegria.

"Começou a dizer que estava doente. Desde o início falava muito em morte. Nos primeiros dias de casa, dizia, ternamente: "Que viuvinha linda você vai ficar'. Eu comentava, "que coisa, Antero, não fale assim", e ele ria, ficava repetindo, eu desciava a conversa. Com o tempo aquilo aumentou. Nasceu o primeiro filho, Jerônimo, depois nasceu Ana. Creio que foi principalmente a essa altura que senti que estava havendo alguma coisa. Aquele jeito diferente, embora não houvesse nada de concreto, de palpável. Continuava me beijando quando saía, quando voltava - mas agora era como se fizesse a frio, não quero dizer mecanicamente, era como se se tratasse de um gesto que precisasse fazer. Eu sentia, apenas - uma coisa emocional. O mesmo quando íamos jantar fora, íamos a um teatro. Já não era um "programa de namorados", parecia uma espécie de obrigação. Com as crianças a mesma coisa. Por trás do gesto de carinho - havia algo como que estudado. E em vez dos presentes antigos, tolices, trazia agora para eles coisas úteis, ou caras, uma correntinha de ouro para Ana, um anelzinho, livros de estudo para Jerônimo. E ficava forçando Jerônimo para ler os livros, meu Deus, como exigia do menino!

"E a insistência de que estava doente, como uma idéia fixa, um dia aquelas palavras: "Tenho uma coisa me devorando... é câncer, sei que é câncer". Eu arrepiada, "que coisa horrível, Antero? Por favor!". Acabei conversando sobre aquilo com o irmão dele médico, Nicanor sugeriu-lhe simplesmente que fosse ao Hospital do Câncer fazer uma consulta - se achava tanto que tinha alguma coisa, ele não acreditava - o melhor então era fazer a consulta. Foi, com o próprio Nicanor, fez todos os exames. Um dia o irmão chegou todo alegre, para dar a notícia, fora ele próprio conversar com o colega, apanhar o resultado. "Negativo, Antero! Tudo negativo! Que beleza, não é?"E exibia as folhas do laudo, mostrava-lhe o lahdo, "agora você não vai se preocupar mais!"

modo algum entender, seu jeito era de arrasado. Teve um acesso, parecia um ataque de loucura. Atirou-se no chão, isso mesmo, jogou-se ao c"Eu olhava para ele, a ver sua reação, meu Deus, não podia de hão, ficou no tapete se revolvendo, se debatendo, "bem podia ser câncer", gritava, "antes fosse câncer, antes fosse!", - e ele ali estrebuchando, as máos esmurrando a cabeça, o olhar desvairado. Nunca tornou depois ao assunto. Mas desde então era como se fosse outra pessoa.

Não bdbia, não fumava. Sempre foi metódico ao extremo. Mas principalmente agora havia algo estranho, algo que eu não entendia em seu procedimento. Saía de manhã à sete, ia para o trabalho, Tinha um lugar no Banco Metropolitano. E só chegava tarde, às dez, onze da noite. Dizia que estava trabalhando. Estaria no Banco? Não sei. Não, acho que tinha outra mulher. Ninguém sabia o que ele fazia, dizia que ficava trabalhando.

O Filho:

- Deus do céu, com que medo eu estava ficando dele! Antigamente me abraçava, me pendurava no pescoço, trotava de cavalinho; Me trazia presentes, uns jogos legais, quebra-cabeças, brincávamos de box. Me

botava em cima do banco, ficava em frente, fazia a posição de lutador. Mamãe ralhava, meio rindo, "isso é brincadeira para uma criança?" Eu gostava. Me levava na praia, na matinê do cinema, ao parque de diversões. Agora era só aquele negócio com os estudos. Trazia livros para eu ler - cada livro careta: "Isso é Machado de Assis, isso é José de Alencar". Toda noite perguntava pelas histórias dos livros.

"Olhava minha caderneta, eu via o seu rosto furioso. Quando não tirava boas notas vinha da escola apavorado. Depois de jantar me pegava, ficava examinando os deveres, me obrigava a decorar as matérias. Um dia me bateu. Eu não resolvia o problema, começou a gritar, parecia doido. Mamãe chegou na sala, falou, "calma, Antero, ele é uma criança". Ficou brabo, aí mesmo é que gritava, "esse menino é burro, esse menino é débil-mental, esse menino nunca vai arranjar emprego!"

"Eu não podia nem brincar com os outros garotos, eu tinha de estudar a lição. No jantar, me perguntava: "nove vezes oito? Quem foi fulton? Onde fica a patagônia?" Meu Deus, como eu tremia nos tempos das provas. No dia em que passei de ano - me deu a droga da Enciclopédia. Aí é que a coisa piorou, me botou professor particular de inglês.

"Às vezes ele chagava todo bonzinho, todo calmo, dizia que queria falar comigo. Até parecia meu pai antigo. E conversava, só que eram umas coisas diferentes. Que eu devia estudar, que eu devia isso e mais aquilo. Ou então era dizendo: "Minha mulher é bonita, não é? Sua mãe é bonita, não é mesmo? Minha mulher facilmente arranja marido, não arranja?" Parecia que estava de pileque. Outras vezes aquela loucura: mal me via ia pedindo a caderneta, olhava as notas, dava um berro, me chamava de imbecil. Cada hora era um jeito diferente, eu nunca sabia qual o pai que ia encontrar, comecei a viver apavorado.

A Cunhada:

- Antero veio ao Rio. Telefonou ainda do aeroporto, convidou-me para jantar fora, à noite foi me apanhar. Fomos ao "Lucas", em Copacabana, senti-o com um jeito diferente.

"Logo que chegamos, sentamos, perguntou se eu não queria beber. Disse que não, ele não bebia, não ficava bem. Fiquei pedindo notícias de Selma, das crianças, ele ficou dando notícias. Então, de repente, ele me perguntou o que eu achava da capacidade de Selma, e se havia possibilidade de eu arranjar trabalho para ela aqui. Disse que era quase certo, Selma é desenhista, uma boa desenhista, eu conseguiria um lugar para ela na Companhia. Então indaguei se ele estava tratando de sua transferência, e se queria que os dois ficassem trabalhando no Rio. Não respondeu à pergunta, disse apenas que o Rio era uma grande cidade, uma cidade onde se podia ganhar bem.

"Perguntei então porque não se mudava para cá. Disse que não podia, o trabalho que ele fazia tinha de ser lá, estava completo o quadro da sucursal do Rio, o Banco tinha interesse nele lá. Então indaguei porque não deixava o emprego, vinha para cá com a família. Com a competência que tinha arranjaria aqui até coisa melhor. Também não respondeu, me olhava, apenas insistia que sondasse o emprego para Selma, algo que desse para se viver bem, eu escrevesse para ele dizendo.

"Quando chegamos, eu falava que o grande prato naquele restaurante era o peixe. Ele comentou que não comia peixe. Eu disse que ia pedir para mim, ele ficou escolhendo o seu prato. Parecia mais tranqüilo que no começo, no começo o achei como que preocupado, mas continuava a sentir nele uma estranheza. Voltou a perguntar se eu não queria beber,sabia que eu gostava de vinho, insisti que não, já que ele não acompanhava. Ele disse que companharia, pediria um gim. "Mas você não bebe álcool", falei. E ele: "E quem disse que eu não bebo álcool?"- e sorriu, pediu vinho para mim, um gim para ele. Então falei: "Antero, o que há com você?". "O que há comigo?", ele. "Sim, continuei, "conte o que há com você". Então ele disse: "Você quer que eu conte o que há comigo?"

"De repente, aconteceu algo. Seus olhos ficaram baços, o rosto parado, todo ele ausente. Literalmente: ausentou-se. Achei que tivesse tido qualquer coisa. "Antero!", chamei. E bato com a mão em seu braço. Ele continuava ausente, a névoa no olhar. "Antero! Antero!", gritei, baixinho, alarmada. Passou-se quase um minuto assim. "Antero", eu repetia. Então ele piscou, olhou para mim como se acordasse, eu o fixava amedrontada. "O que é, Antero. O que foi que houve?". Ele me olhou, olhou para a travessa com o peixe que o garçon vinha trazendo, depunha na banqueta ao lado, sorriu: "Você quer ver como eu como esse peixe?". E pediu ao garçon peixe também, aquele peixe que ele dizia que lhe fazia mal.

"Foi embora no dia seguinte. Parece que viera apenas para aquilo, se assegurar de que a mulher poderia trabalhar aqui, morar aqui. Na despedida, insistiu no assunto. Uma semana depois eu lhe escrevia como ele pedira, dizendo que conseguira um bom lugar para Selma na Companhia, para o caso de eles virem para cá. Um mês depois, recebi o telefonema de Selma.

A Esposa:

- Foi no fim do ano, Jerônimo passara nos exames. Então Antero disse: "Quer dizer que assim ele pode ser transferido para outra escola, não é? Assim pode ser transferido sem perder o ano". Dois dias depois aconteceu. Acordara muito cedo. Disse que queria ficar só, que quando Jerônimo fosse para a escolha (ia haver uma missa na escola) eu levasse a garota para a pracinha. Quando voltei ele já não estava, encontrei o bilhete na mesa do escritório. Nele, pedia perdão pelo que fazia, mas que nunca me julgasse culpada. Que tudo tinha de terminar assim, era a maneira melhor.Que fazia para o meu próprio bem, acabar antes que fosse tarde demais. E dizia que eu fosse para o Rio com as crianças, falava no emprego que me esperava no Rio, e a que nunca tinha se referido. Terminava dizendo que havia doado o cprpo para a Faculdade de Medicina, mas deixava isso a meu critério. Como católica, se me opusesse, pderia requisitá-lo.

"Eu ali, parada, tonta, súbito me lembrei do revólver guardado na escrivaninha, a gaveta estava destrancada, não tinha arma lá. Saí correndo com Ana de casa, apanhei Jerônimo na escola, levei os dois para casa de mamãe, fui voando para a de meu cunhado. "Antero vai tentar o suicídio! Ou já se matou!" Nicanor ligou para o banco, Antero tinha ido trabalhar na parte da manhã, saíra para o almoço. Ligamos depois outra vez, não tinha voltado. Achei melhor ir para casa, apanhei as crianças na de mamãe, em casa o telefone estava tocando, era da polícia dando a notícia.

"O corpo já estava no Instituto Médico Legal. Antero tinha se matado no Passeio Público.

Renard Perez é natural de Macaíba-RN, e reside no Rio de Janeiro. É autor, entre outras obras, de *O Beco* (novela); *Os Sinos*, (contos) *Trio* (contos) e *Áspero Amor* (romance). O conto "*Antero*" integra o livro inédito *Creusa, Creusa*, que será lançado brevemente.

CORREIO DO GALO

SANTOS LIMA

Ao jornalista Woden Madruga,
Presidente da F.J.A.
Rua Jundiaí, n. 641
Tirol - NATAL/RN - CEP 59.020.220

Meu caro Presidente e prezado amigo,

Devo informá-lo de que tenho recebido, mais ou menos regularmente e para meu deleite espiritual, os números mais recentes do "GALO" no novo formato que assumiu este ano, com papel mais resistente, bom serviço fotográfico e bons materiais sobre a cultura nordestina. Agradeço a todos amigos e conhecidos que fazem o "Galo" e particularmente a você que está por detrás desses melhoramentos. A ocasião é porém para felicitá-lo calorosamente pela qualidade e oportunidade do excelente n. 07, dedicado ao nosso amigo comum e admirado homem de letras e vaqueiro empedernido Oswaldo Lamartine de Farias, afinal reintegrado a nossa terra.

Os excelentes materiais sobre o Oswaldo transcritos naquele número são de muito alta qualidade. Os autores são testemunhos da vida e evolução intelectual do nosso taumaturgo do sertão do nunca mais, agora fazendeiro de Acauhuan, no município de Riachuelo. "Teremos a quem fazer perguntas", quando forem necessárias. Destaco o trabalho do Serejo sobre o "Príncipe do Sertão do Nunca Mais". Felicíssimo! Ali há tudo para saber sobre Oswaldo, inclusive uma completa bibliografia. "Um luxo", como dizia o Darcy! Nota 10!

Cordialmente,

Nestor dos Santos Lima
Brasília, em 30 de setembro de 1997-10-14

VÂNIA JICO

Ilmo. Sr.
Natal, 02 de outubro de 1997
Nelson Patriota
M. D. Editor do Jornal "O Galo"

Gostaria, inicialmente, de parabenizá-lo pela periodicidade com que vem sendo publicado esse veículo cultural da nossa cidade.

As informações contidas na coleção do "Galo" na Fundação José Augusto foram de grande valia para pesquisas que venho desenvolvendo sobre o "Mestre Câmara Cascudo", motivo pelo qual externo a todos que atenderam, os meus sinceros agradecimentos.

Gostaria, se possível, de receber o referido jornal no endereço abaixo:

Av. Amintas Barros, 4837/101
Lagoa Nova - Natal/RN
CEP: 59075-250
E-Mail: gico@digi.com.br

Atenciosamente,
Profa. Vânia Gico

PALMARES

Ofício 41/1997
Palmares, 29 de setembro de 1997

Ilmo. Sr.
Nelson Patriota
Editor do jornal de cultura "O Galo" - Fundação José Augusto/Departamento Estadual de Imprensa do Rio Grande do Norte

Prezado amigo,
Para melhor proveito das atividades de pesquisas, estudos, leituras e informação de modo geral para professores, alunos e o público em geral da Cidade de Palmares - região canavieira da Zona da Mata Sul do Estado de Pernambuco. Tomamos a liberdade de solicitarmos para a Biblioteca Ascenso Ferreira da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul - FAMASUL, a termo de cortesia o jornal cultural "O Galo". Na oportunidade, se possível gostaríamos de receber outras publicações da Fundação José Augusto/Departamento Estadual de Imprensa do Rio Grande do Norte, que muito virá a contribuir para o enriquecimento do nosso acervo bibliográfico, assim como, abundância de informação cultural para os pesquisadores desta Faculdade. Agradecemos pela atenção, na certeza de sermos atendidos.

Manoel Domingos Filho
Bibliotecário da Biblioteca Ascenso Ferreira - Famasul
CRB-4-208

SALIM MIGUEL

Prezado Woden Madruga,
Acabo de receber - e já li - "O Galo".

Agradeço muito a lembrança de me incluírem entre os assinantes. Só desta maneira temos como ficar sabendo um pouco do que ocorre, na área da cultura, nos demais estados. Caso contrário limitamo-nos ao eixo Rio-São Paulo. Até há pouco havia o intercâmbio entre as diversas secretarias e fundações. Parece-me que, da safra anterior, sobraram você e o Claudio Pereira, de Fortaleza. "O Galo" não está só bem feito, do ponto de vista editorial, mas, tão ou mais importante, possui matérias de interesse geral, para um público variado do campo cultural.

No meu caso, citaria em especial "Memórias de Mestre Cascudo", "Imprensa feminina no Rio Grande do Norte", "O viajante amoroso". Deste vejo que é a II parte - e que outras virão. Colecionando tudo que se refere a Mário de Andrade, seria ótimo se pudessem me mandar o número anterior, da I parte. Retornei à minha aposentadoria. Estou com livros em preparo. Logo que saírem (ou sair um, nunca se sabe) mando.

Aqui disponha. Abraços

Salim Miguel
R. Cap. Romualdo de Barros,997, Bl-A ap. 203
CEP 88040-000 Carvoeira Florianópolis SC
01/09/97

ACYR CASTRO

O jornalista Acyr Castro destaca em sua coluna no segundo caderno do jornal *A Província do Pará*, do dia 5 de setembro passado, (que gentilmente nos remete) o seguinte comentário, intitulado "Um Centenário": "O Brasil precisa se preparar para o registro, ano que vem, do centenário de Luís da Câmara Cascudo, uma das glórias nacionais.

Que melhor e o que de maior na sua obra gigantesca? Um sábio que depunha para a eternidade sobre folclore, história, música; um antropólogo, um etnógrafo, um crítico literário, um poeta, humanista por excelência. Disse dele Mário de Andrade que era "inteirinho da cabeça aos pés, corpo e alma de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil". Foi expressão-chave do Modernismo no Nordeste, começou a escrever o primeiro livro brasileiro de compreensão do fenômeno folclórico, *Vaqueiros e Cantadores,* editado em 1993, no mesmo 1922 da Semana de Arte Moderna de São Paulo, e se fez o único rival, de que se sabe, do autor de *Macunaíma*, em matéria de criação de cartas tanto em quantidade como em qualidade. Veríssimo de Melo, que conviveu por mais de meio século com o seu mestre, contava que a correspondência de Câmara Cascudo (1898/1986), verdadeiras conferências escritas com elegância e bom gosto, era grande em especial com Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Nilo Pereira, Cassiano Ricardo e (para este mais de 200 cartas arquivadas) Monteiro Lobato. Cascudo fundou em Natal, em 1941, a Sociedade Brasileira de Folclore, pioneira na área no país.

- E discorria como ninguém acerca das manifestações populares de cultura, ele um orador fantástico - explicava Veríssimo, hoje também uma saudade imensa, enorme.

Quantas publicações? 150? 180? 200? A verdade é que o fazedor do *Dicionário do Folclore Brasileiro* virou sinônimo de conhecimento:

- Se o Câmara Cascudo não souber - garantia Gilberto Amado de olhos bem abertos para a realidade - só o Espírito Santo. Do magistral biógrafo do Conde d'Eu, assinalou Carlos Drummond que via praticamente tudo:

- Doador de nascença, espalhou aos quatros ventos o que foi recolhendo a vida inteira"

CORRESPONDÊNCIA
RUA JUNDIAÍ, 641 - TIROL
NATAL - RN
CEP 590202220 FAX (084)221-0342

"Pequeno Mundo" - Foto: **Telma Moreira de Oliveira**